Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Segunda-feira 10.6.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 662 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

EURODEPUTADOS PS 8 AD 7 CHEGA 2 IL 2 BE 1 CDU 1

VITÓRIA DO PS À TANGENTE

Luís Montenegro assumiu que AD ficou aquém dos objetivos nestas Eleições Europeias, deu os parabéns a Pedro Nuno Santos e anunciou apoio a António Costa para o Conselho Europeu. Chega e IL estiveram taco a taco para ser a terceira força mais votada e conseguiram ambas dois eurodeputados. À esquerda, os socialistas puderam celebrar um triunfo, mesmo que por apenas um ponto percentual e um eurodeputado, enquanto comunistas e bloquistas manifestaram alegria por manter presença no Parlamento Europeu. PÁGS. 4-11

Pedro Nuno Santos abraça Marta Temido pela vitória do PS.

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

PERANTE O AVANÇO DA EXTREMA-DIREITA EUROPEIA, CONSERVADORES QUEREM SER "ÂNCORA DA ESTABILIDADE" E VERDES O FIEL DA BALANÇA

MELONI VENCE EM ITÁLIA, AFD 2.ª NA ALEMANHA E MACRON, HUMILHADO, CONVOCA LEGISLATIVAS EM FRANÇA

Dia de Portugal
O que mudou em Pedrógão, sete anos depois do fogo PÁGS. 12-13

Migração
Fim da Manifestação de Interesse. E agora? DN BRASIL PÁG. 17

Israel
Gantz abandona Governo de emergência e pede eleições PÁG. 19

Paris2024
Também é o triunfo da emigração portuguesa PÁGS. 22-24

Victorino D'Almeida
MAESTRO

"Se as pessoas começarem a ser drasticamente mais exigentes, os direitos acontecem. E a cultura é um direito!" PÁGS. 26-27

OPINIÃO JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA HISTORIADOR

PORTUGAL, UMA LONGA E IMPROVÁVEL EXISTÊNCIA DE NOVE SÉCULOS PÁG. 14

Editorial

Bruno Contreiras Mateus
Diretor interino do Diário de Notícias

Europeias e os recados para a política nacional

Nestas Eleições Europeias, a direita, no seu conjunto, acabou por ganhar em número de deputados nacionais (11 em 21 eurodeputados no total), com a extrema-direita a desinsuflar. Uma excelente campanha de João Cotrim Figueiredo traduziu-se num excelente resultado para a Iniciativa Liberal, elegendo os seus primeiros dois eurodeputados. Por oposição, o Chega saiu derrotado nas suas expectativas de crescimento, mas – mais do que disse Nuno Melo, presidente do CDS-PP, que "ser muleta do PS em Portugal não compensa" – a grande razão que se evidencia é que o partido de André Ventura mobiliza o voto do castigo em Portugal, e na Europa os portugueses não sentem necessidade de "drama", como disse António Vitorino, antigo comissário europeu por Portugal, num comentário televisivo. Elegendo também dois eurodeputados, o Chega mostrou bem que representa o voto dos descontentes com o sistema político português.

Estas são as duas forças políticas estreantes no Parlamento Europeu, que não chegaram a roubar votos à AD, que ficou em segundo lugar e acabou por eleger sete eurodeputados (seis pelo PSD e um pelo CDS-PP).

Na leitura política nacional, o primeiro-ministro e líder social-democrata frisou que os portugueses "podem contar com um Governo e uma AD a cumprir todos os seus compromissos", contra o que muitos diziam quando o Executivo assumiu funções ser "um Governo de inação" e que não iria cumprir as suas promessas. Luís Montenegro assume que não cumpriu o objetivo de vencer esta eleição, mas que a AD vai prosseguir "nos próximos anos" com a caminhada chegada até aqui, com quatro eleições anteriores ganhas. "Se o Parlamento não rejeita o Programa do Governo é porque assume que nós o vamos executar."

De forma estratégica, por fim Luís Montenegro, que pertence à família do PPE, a família vencedora destas eleições, aproveitou a ocasião para manifestar também apoio a António Costa se este for candidato socialista a presidir o Conselho Europeu.

Já o PS interrompe o ciclo de derrotas eleitorais de Pedro Nuno Santos, agora com a vitória nas Europeias. "Derrotámos três partidos que governam Portugal", disse o líder do PS na noite eleitoral. "Sem o Chega, a esquerda foi nestas eleições maioritária", acrescentou, desvalorizando assim a terceira força política mais votada nestas europeias. Pedro Nuno Santos abriu o discurso com foco na política nacional, enfatizando que foi o partido mais votado (elegendo oito deputados, com mais votos do que em 2019, mas perdendo um mandato, ainda assim).

PS e AD colocaram os seus líderes, e não os cabeças de lista às Europeias, a abrir os discursos. Ambos quiseram medir forças no Parlamento. "A derrota da AD não é irrelevante na política nacional", disparou o líder do PS, frisando que, "ao longo das últimas semanas, tivemos um Governo em campanha", lançando medidas sem respaldo orçamental.

> **"É claro, no entanto, o sinal de vitória do PS, com Marta Temido a mostrar popularidade para alcançar votos, e fazendo com que a AD olhe para a oposição ao Governo sem jogos de oportunismo político, porque o Orçamento do Estado para 2025 ainda está longe da aprovação."**

Pedro Nuno Santos aproveitou para afastar o "oportunismo" da AD, alertando para que não ignore o Parlamento que foi eleito pelos portugueses, e apresentando-se como oposição responsável, não destabilizadora da política nacional.

Mais à esquerda, tanto o BE como o PCP cantaram vitória, com a eleição de um deputado cada um, ainda assim saindo derrotados face às Europeias de 2019, perdendo um deputado cada um. Já o PAN perdeu a sua representação no Parlamento Europeu e o Livre, que tinha francas expectativas na eleição de um eurodeputado, viu também goradas as suas expectativas.

Tal como nas últimas Legislativas, os resultados destas Europeias mexeram com todas as forças políticas, reforçando a direita e fazendo a esquerda perder representatividade. Apesar do aumento de votantes, a abstenção ainda elevada revela como as instituições europeias estão longe dos cidadãos, apesar do muito que se tem falado, em Portugal, do PRR, por exemplo.

É claro, no entanto, o sinal de vitória do PS, com Marta Temido a mostrar popularidade para alcançar votos, e fazendo com que a AD olhe para a oposição ao Governo sem jogos de oportunismo político, porque o Orçamento do Estado para 2025 ainda está longe da aprovação.

A política nacional está a ferver, não dispensa o diálogo.

OS NÚMEROS DO DIA

24 MIL
O número de crimes de furtos a casas entre 2020 e 2023 registados pela PSP, que destacou também os 51361 furtos em interior de automóveis. Durante estes quatro anos foram detidas 447 pessoas por furtar residências.

3 *GRAND SLAMS*
O número de torneios *major* já conquistados pelo tenista espanhol Carlos Alcaraz, que ontem juntou ao Open dos Estados Unidos em 2022 (piso rápido) e Wimbledon em 2023 (relva), o triunfo em Roland Garros. Alcaraz venceu na final o alemão Alexander Zverev.

6 CANDIDATOS
Os políticos iranianos, a maioria conservadores, autorizados a concorrer às Presidenciais de 28 de junho para substituir Ebrahim Raisi, que morreu num acidente de helicóptero em maio.

35 MILHÕES
O valor que, de acordo com a imprensa alemã, o Bayern Munique poderá pagar ao Fulham, de Inglaterra, pela transferência do internacional português João Palhinha. O médio já tinha estado nos planos dos bávaros no final da época passada, mas na altura os clubes não chegaram a acordo.

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

"O PS venceu estas eleições e é hoje a primeira força política em Portugal. Derrotámos uma coligação de três partidos que governa em Portugal."

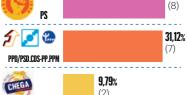
Pedro Nuno Santos
Líder do PS

"O objetivo da AD, sempre que entra numa eleição, é ter, pelo menos, mais um voto do que qualquer outra força partidária que disputa essa eleição. (...) Nós não cumprimos esse objetivo."

Luís Montenegro
Líder da Aliança Democrática

Total nacional

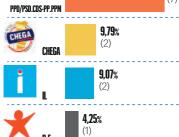
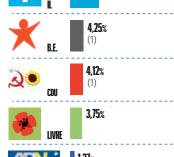
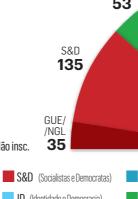
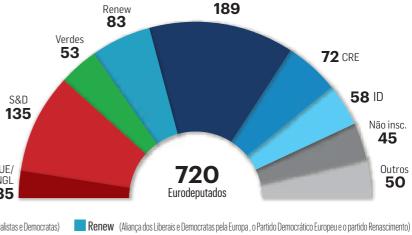
(00) - Número de deputados

Partido	%	Deputados
PS	32,10%	(8)
PPD/PSD.CDS-PP.PPM	31,12%	(7)
CHEGA	9,79%	(2)
IL	9,07%	(2)
B.E.	4,25%	(1)
CDU	4,12%	(1)
LIVRE	3,75%	
ADN	1,37%	
PAN	1,22%	

PARTICIPAÇÃO: 37,50%

Parlamento Europeu

Composição atual

O novo hemiciclo

PARTICIPAÇÃO: 51%

OS 21 ELEITOS

Duas ex-ministras de António Costa, o substituto de Aguiar-Branco na presidência da Assembleia da República, duas atuais presidentes de câmara e o anterior líder regional do partido na Madeira estão na delegação do PS, totalmente renovada. Aliás, a social--democrata Lídia Pereira é a única dos eurodeputados eleitos em 2019 a manter-se no Parlamento Europeu, agora acompanhada pelo ex-comentador político que foi cabeça de lista da Aliança Democrática. Com eles seguirá uma centrista que foi assessora do atual ministro da Defesa, dois presidentes de câmara, um antigo autarca e um ex-conselheiro da representação de Portugal na União Europeia. Estreiam-se o Chega e a Iniciativa Liberal, mas abaixo das expectativas para o partido de André Ventura, que elegeu um embaixador e um ex-deputado do PSD. O antigo líder liberal vai com a número 2, ao contrário dos cabeças de lista do Bloco de Esquerda e da CDU.

Marta Temido
PS
Socialistas & Democratas

Francisco Assis
PS
Socialistas & Democratas

Ana Catarina Mendes
PS
Socialistas & Democratas

Bruno Gonçalves
PS
Socialistas & Democratas

André Rodrigues
PS
Socialistas & Democratas

Carla Tavares
PS
Socialistas & Democratas

Isilda Gomes
PS
Socialistas & Democratas

Sérgio Gonçalves
PS
Socialistas & Democratas

Sebastião Bugalho
PSD (independente)
Partido Popular Europeu

Paulo Cunha
PSD
Partido Popular Europeu

Ana Miguel Pedro
CDS-PP
Partido Popular Europeu

Hélder Sousa e Silva
PSD
Partido Popular Europeu

Lídia Pereira
PSD
Partido Popular Europeu

Sérgio Humberto
PSD
Partido Popular Europeu

Paulo Nascimento Cabral
PSD
Partido Popular Europeu

Tânger Corrêa
Chega
Identidade e Democracia

Tiago Moreira de Sá
Chega
Identidade e Democracia

João Cotrim de Figueiredo
Iniciativa Liberal
Renew

Ana Vasconcelos Martins
Iniciativa Liberal
Renew

Catarina Martins
Bloco de Esquerda
Esquerda

João Oliveira
PCP
Esquerda

"Como sempre fiz na política, cá estou para assumir esses resultados, para dar a cara por eles, ao lado do nosso candidato, e agora vou avaliar, como sempre fiz também, o real resultado."
André Ventura
Líder do Chega

"Que grande vitória da Iniciativa Liberal. 9,1%, dois deputados eleitos. Vou para Bruxelas, mas não vou sozinho, levo comigo a Ana Vasconcelos Martins."
João Cotrim de Figueiredo
Eurodeputado eleito pela Iniciativa Liberal

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

PS à frente da AD, IL alcança Chega e esquerda no limiar da sobrevivência

Vitória do PS foi mais apertada do que em 2019, mas Marta Temido teve mais um eleito do que Sebastião Bugalho. Partido de André Ventura caiu em relação às Legislativas, enquanto os liberais obtiveram maior votação de sempre. Bloco e PCP encolhem e Montenegro anuncia apoio a Costa.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

A vitória do PS sobre a Aliança Democrática (AD), mantendo a tendência das anteriores europeias, acabou por saldar-se na eleição de mais um integrante (oito) da lista da ex-ministra da Saúde Marta Temido do que os sete obtidos pela lista encabeçada pelo até agora comentador político Sebastião Bugalho. No entanto, mais do que a vantagem socialista sobre a coligação, a nota dominante foi a derrota das forças partidárias nos extremos do espetro político em Portugal, em contraciclo com o que sucedeu noutros países da União Europeia, ainda que o Partido Popular Europeu (PPE) tenha garantido a maior bancada no Parlamento Europeu.

Tal resultado leva que a democrata-cristã alemã Ursula von der Leyen possa fazer um segundo mandato à frente da Comissão Europeia. E abre caminho a que o presidente do Conselho Europeu seja um socialista, o que levou o primeiro-ministro Luís Montenegro a fazer um anúncio oficial de apoio ao antecessor. "Se António Costa for candidato a esse lugar, a AD e o Governo de Portugal não só apoiarão como farão tudo para que a candidatura tenha sucesso", disse, alegando que decidiu fazer essa comunicação, após reconhecer a vitória do PS nas europeias, "para não criar nenhum tabu".

Certo é que a cartada de Costa levou o secretário-geral do PS, Pedro Nuno Santos, a seguir outras direções na hora de celebrar a vitória socialista, salientando o facto de Marta Temido ser a primeira mulher a ganhar uma campanha eleitoral nacional em Portugal. Também voltou a dizer que o Governo esteve, ao longo das últimas semanas, "em campanha intensa, com promessas que não estão quantificadas do ponto de vista orçamental". E, garantindo que "não virá do PS nunca a instabilidade política em Portugal", anunciou a convocação de Estados Gerais para criar uma alternativa ao Governo da AD.

Realçado pelos restantes partidos foi o mau resultado do Chega, abaixo dos 10% meros três meses após atingir 18,07% nas legislativas. Sendo certo que a eleição de dois eurodeputados garantiu a estreia no Parlamento Europeu - em 2019, ainda sem o partido legalizado, André Ventura não foi eleito como cabeça de lista da coligação Basta -, ninguém escondeu que o

continua na página seguinte »

"A força que o povo nos deu hoje é a força que vamos dar ao povo, numa Europa de paz, progresso social e cooperação."

João Oliveira
Eurodeputado eleito pela CDU

"Não tivemos a confiança dos eleitores. Vamos continuar a trabalhar nas causas que representamos quer na Assembleia da República, quer nas Assembleias Regionais da Madeira e dos Açores."

Ernesto Morais
Dirigente do PAN

» **continuação da página anterior**

partido ficou bem aquém de objetivos que passavam pela vitória, na versão mais otimista, ou pela obtenção de quatro mandatos, na mais realista. Perante uma realidade muito diferente, Luís Montenegro saúdou o povo português "por continuar a ser na Europa um referencial de moderação e dos valores fundadores da União Europeia", recebendo do líder do Chega a acusação de ser "a muleta do PS em Portugal" devido ao apoio a António Costa.

Mas além de um Chega reduzido ao ponto de ter ficado com o estatuto de terceira força em risco, com a Iniciativa Liberal (IL) separada por menos de 30 mil votos e de um ponto percentual, também à esquerda do PS prosseguiu a trajetória descendente. Tanto o Bloco de Esquerda como a CDU só confirmaram a eleição dos respetivos cabeças de lista, mantendo representação no Parlamento Europeu, no final da noite eleitoral, quando na legislatura anterior cada um desses partidos tinha dois eleitos. Por seu lado, o Livre falhou por pouco a sua estreia em Bruxelas e o PAN ficou muitíssimo longe de voltar a eleger, como fizera em 2019, ficando atrás do ADN.

As ondas de choque no Chega começaram logo com a divulgação das projeções de resultados pelas televisões. Nos antípodas da euforia das legislativas de março, quando elegeu em todos os círculos eleitorais tirando Bragança, formando um grupo parlamentar de 50 deputados, o facto de as televisões admitirem a hipótese de ser ultrapassado pela IL, não foi escamoteada pelos dirigentes. Na primeira reação, o líder parlamentar, Pedro Pinto, tentou dizer que o "fundamental" era a entrada no Parlamento Europeu. Mas logo de seguida André Ventura admitiu que o resultado ficou "aquém da nossa expectativa", terminando a noite a assumir a derrota como sua responsabilidade. Ainda que tenha mantido que o seu partido continuará a entrar em todas as eleições para ganhar.

A IL assumiu um *flirt* àqueles que deram o voto a André Ventura nas legislativas. "Cada vez mais portugueses perceberam que o Chega é apenas o PS que ainda não alcançou o poder", sentenciou o deputado Bernardo Blanco, numa primeira reação às projeções reveladas pelas televisões, que apontava, para a hipótese de os liberais subirem a terceira força partidária. Em sua opinião, oferecer soluções às pessoas que votaram no Chega terá sido uma das chaves do "grande crescimento" dos liberais, que nas europeias de 2019 não foram além de 0,88%, com 29.120 votos. Desta vez, como foi salientado no discurso de João Cotrim de Figueiredo, tendo ao lado a número dois da sua lista, Ana Vasconcelos Martins, que também irá para o Parlamento Europeu, a IL teve mais de 357 mil votos, na sua maior votação de sempre. "Viemos para nunca dar tréguas aos socialistas e aos populistas", disse o antecessor de Rui Rocha à frente do partido.

À esquerda, apenas duas semanas após Bloco de Esquerda, PCP e Livre ficarem de fora da Assembleia Regional da Madeira nas eleições antecipadas, a noite foi de suspense para os três partidos. E acabou por correr menos mal para os bloquistas, com Catarina Martins a conseguir eleger-se "numas eleições que eram muito difíceis", apresentando-se como "uma esquerda de confiança" no Parlamento Europeu. Prometeu "um mandato pela paz e pelo fim do genocídio na Palestina", sem deixar de se referir à invasão da Ucrânia, ao contrário da coordenadora bloquista, Mariana Mortágua. Esta apontou como ponto positivo das eleições europeias a "derrota da extrema-direita do ódio e da violência", em contraponto com a "consolidação da viragem à direita" a que Portugal já tinha assistido nas legislativas.

Também eleito, o cabeça de lista da CDU, João Oliveira, dissera logo a meio da noite, quando a sua presença no Parlamento Europeu ainda não estava completamente garantida, que a "campanha de esclarecimento e informação" conduzida pelos comunistas terá efeitos "muito para lá dos resultados destas eleições". Horizontes que passam a ser os dos ainda maiores derrotados da noite, com o Livre e o PAN a ficarem fora do Parlamento Europeu.

MIGUEL A. LOPES / LUSA
Ventura assumiu a derrota: "Não era o resultado que pretendíamos."

ANTÓNIO PEDRO SANTOS / LUSA
"Estamos aqui para dar luta ao socialismo e populismo", prometeu Cotrim.

ANTÓNIO COTRIM / LUSA
BE "resiste" e a "extrema-direita" foi derrotada, salientou Mortágua.

EPA / JOÃO RELVAS
João Oliveira elogiou quem "conseguiu ver para lá da cortina de fumo".

PS ganhou as eleições europeias em 11 dos 18 distritos do continente, com a AD a vencer nos restantes e nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira.

"Esquerda de confiança estará no Parlamento Europeu" a lutar pelo "fim do genocídio na Palestina."

Catarina Martins
Eurodeputada eleita pelo Bloco de Esquerda

"Nunca aceitaria ser presidente do Conselho Europeu sem o apoio do Governo do meu país [em referência ao acordo com a AD para uma candidatura ao cargo]."

António Costa
Ex-primeiro-ministro

As metas falhadas de Chega e PS e a pontaria de Bugalho e Cotrim

As certezas e previsões de uma noite eleitoral marcada pelas contas certas dos cabeças de lista da Iniciativa Liberal e da AD e por uma "derrota" pré-anunciada por Marta Temido – apesar da vitória curta do PS. Ventura errou em todos os cálculos.

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

5 VENCEDORES

João Cotrim de Figueiredo
Cabeça de lista da Iniciativa Liberal

A subida em relação às Europeias de 2019 (0,88%) é meteórica. Em relação às Eleições Legislativas de 10 de março é quase o dobro do que foi conseguido pelo atual líder do partido (4,94%). A figura do ex-presidente da IL continua a ter mais impacto político e público do que o "tímido" – como o próprio se define – Rui Rocha. Cotrim apostou na eleição de dois eurodeputados e conseguiu. E igualou o Chega na luta pela Europa.

Sebastião Bugalho
Cabeça de lista da AD

Melhor que o agora ministro dos Negócios, Paulo Rangel, cabeça de lista em 2019 (21,94%) e em 2014 (27,71%), quase tanto como o resultado de 2009 (31,71) e melhor que o PSD de Rui Rio e Montenegro nas Legislativas de 2024 (28,02%), 2022 (27,67%) e 2019 (27,76%). Traçou uma meta mínima: manter sete eurodeputados (seis do PSD e um do CDS) e acertou. Arriscou uma "meta média": mais um ponto acima da sua idade – conseguiu mais.

Luís Montenegro
Primeiro-ministro e presidente do PSD

O "jovem talentoso, aqui e ali até polémico, que afronta, é disruptivo, estimula a confrontação com respeito democrático", de 28 anos, que Montenegro convidou em cima da hora, que surpreendeu o PSD – foram muitos os que questionaram em surdina a escolha –, confirmou a aposta do líder do PSD. "Estou convencido de que vai fazer a diferença" foi a premonição. Os resultados deram-lhe razão, mais ainda porque o PS perdeu um deputado.

Catarina Martins
Cabeça de lista do BE

Foi à justa, mas conseguiu manter o partido no Parlamento Europeu. Desde que foi fundado, em 1999, o BE só falhou a eleição de eurodeputados no ano da sua fundação. Desde aí, elegeu sempre e conseguiu a sua maior representação de sempre em 2009, com três eurodeputados, ao ter obtido 10,7% dos votos. Mudaram os tempos: menos votos e percentagens menores. Hoje pouco acima do 4%. Sobreviveu.

João Oliveira
Cabeça de lista da CDU

Fora dos dois maiores partidos, a CDU – que chegou a obter 14,4% dos votos nas eleições de 1987 e 12,68% em 2014 – nunca falhou a eleição de, pelo menos, dois eurodeputados desde que Portugal entrou na União Europeia. Resistiu mais uma vez. O candidato, que nas Legislativas – e era cabeça de lista por Évora – não foi eleito deputado, arriscava aqui a segunda derrota. Perdeu votos nesta eleição, mas segurou o percurso histórico do partido.

5 PERDEDORES

André Ventura
Presidente do Chega

Primeiro, o objetivo era ganhar as Eleições Europeias. Depois passou a ser ter mais votos que o PS. A seguir foi eleger seis eurodeputados. E terminou com a fasquia mais baixa, colocada por António Tânger Corrêa, de somente conseguir quatro mandatos. Os mais de 18% e o mais de um milhão de votos obtidos nas recentes Legislativas tiveram uma queda abrupta: pouco mais de 380 mil eleitores e menos de 8% dos votos. Eurodeputados? Dois.

Pedro Nuno Santos
Secretário-geral do PS

A "lição de humildade" que queria dar à AD ficou-se por um resultado pior do que o de António Costa em 2019 (9 eleitos) e igual ao de António José Seguro – o tal que Costa chamou de "poucochinho" – em 2014 (8 eleitos). Temido apontou uma meta: menos do que nove eurodeputados era uma derrota. E acertou. O secretário-geral já somava três derrotas (Legislativas, Madeira e Açores) e consegue agora uma vitória magra.

Inês de Sousa Real
Líder do PAN

Nem em percentagem, nem em votos. A derrota é largamente superior à de 2019. Nesse ano, o PAN conseguiu 147 561 votos e 4,94% dos votos. Nestas eleições caiu para os cerca de 47 mil eleitores e ficou na fasquia do 1%. Um resultado inferior aos votos do ADN e até aos votos em branco. "Nós gostaríamos muito de repor a verdade e repor a eleição de Pedro Fidalgo Marques, mas não foi possível", lamentou-se a líder do PAN.

Rui Tavares
Líder do Livre

Disse que era "a campanha mais forte do Livre em Eleições Europeias", mas pouco ou nada teve do porta-voz do Livre que deixou o cabeça de lista do partido durante dia e dias sem a sua presença. Só a 1 de junho, Rui Tavares se juntou e foi para garantir que tinha "toda a confiança naquilo que o Francisco Paupério disser acerca do programa do Livre e da União Europeia". O *outsider* Francisco Paupério não resistiu e o Livre voltou a falhar.

Rui Rocha
Líder da IL

A comparação era inevitável. E os números confirmaram as diferenças entre lideranças. Rui Rocha nas Legislativas de 10 de março conseguiu 319 mil votos. João Cotrim de Figueiredo – que elevou o partido do deputado único, em 2019, para os oito em 2022 que Rocha manteve em 2024 – ficou perto de conseguir 360 mil votos. O próximo teste à liderança da IL está marcado para o próximo ano – as Eleições Autárquicas.

"O PPE é o grupo político mais forte do Parlamento Europeu, (...) não é possível formar uma maioria sem o PPE e, em conjunto, vamos construir um escudo contra os extremos, da esquerda e da direita."

Ursula von der Leyen
Candidata do PPE à presidência da Comissão Europeia

"[Este resultado] fecha este doloroso parêntesis globalista que tanto sofrimento causou aos povos do mundo."

Marine Le Pen
Dirigente do Rassemblement National (ex-Frente Nacional francesa)

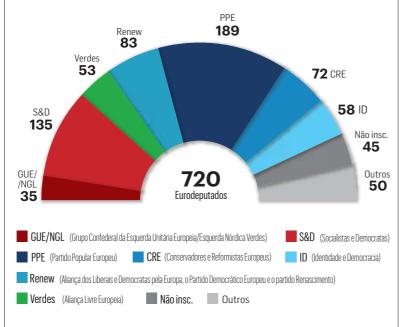
Perante avanço da extrema-direita, conservadores querem ser "âncora da estabilidade" e verdes o fiel da balança

Ao cantar vitória, Ursula von der Leyen promete deter o avanço do extremismo e disse que irá tentar construir uma maioria parlamentar com os grupos dos socialistas e sociais-democratas e dos liberais. Verdes, em perda, querem manter-se no centro das decisões.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

"Usa o teu voto. Ou outros decidirão por ti" foi o lema de uma campanha do Parlamento Europeu vista mais de 500 milhões de vezes, mas o seu impacto, a avaliar pela afluência às urnas, terá sido marginal. Desta vez, segundo os resultados provisórios, 51% dos europeus votaram, quando em 2019 a percentagem foi de 50,6% – aí sim, um aumento considerável face a 2014, oito pontos. Mas o que é que os europeus decidiram? As sondagens previam o crescimento à direita e em especial da extrema-direita – o que acabou por se concretizar, à custa em especial da perda dos Verdes e dos liberais – tendo a derrota mais tonitruante, em França, ditado a dissolução do Parlamento e a convocação de eleições. As consequências práticas desta viragem são a grande dúvida a esclarecer nas próximas semanas e meses, a começar pela eleição do presidente do Parlamento Europeu, mas sobretudo pelo presidente da Comissão.

O Partido Popular Europeu (PPE, conservador) voltou a ser o grupo político a recolher mais votos nas Eleições Europeias, seguido dos Socialistas & Democratas. Em relação ao mandato que agora expira sairá ligeiramente reforçado em deputados. Mas a correlação de forças entre os dois maiores grupos não se alterou de forma significativa. Face às projeções, o presidente do PPE, Manfred Weber, apelou aos líderes da Alemanha e da França (o primeiro da família S&D, o segundo da família liberal) para apoiarem a cessante presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, que se candidata a um segundo mandato.

"Espero agora que Olaf Scholz deixe claro que apoia a vencedora das eleições, nomeadamente Ursula von der Leyen. E o mesmo se aplica a Emmanuel Macron, como presidente de França, mas sobretudo como o político mais forte da família do partido liberal na Europa", disse Weber, antevendo a dificuldade da presidente da Comissão em obter apoios suficientes. Em 2019, a dirigente alemã conseguiu uma maioria de nove deputados. "Qualquer outra coisa levaria a uma grande instabilidade política na Europa e eu previno contra isso. É por isso que agora precisamos de clareza por parte dos outros partidos rapidamente."

Por sua vez, a candidata, em tom vitorioso, afirmou: "Somos o partido mais forte, somos a âncora da estabilidade. Juntamente com outros, construiremos um bastião contra os extremos, da esquerda e da direita. Vamos detê-los!" Ao que os seus correligionários cantaram "Mais cinco anos".

A antiga ministra da Defesa reconheceu que os extremos à esquerda e à direita ganharam apoio popular, mas que "o centro aguentou-se". Em consequência, afirmou que "o resultado traz uma grande responsabilidade para os partidos do centro". Daí que Von der Leyen tenha adiantado, desde já, que vai começar por contactar os grupos S&D e os liberais do Renew. "Trabalhámos bem juntos nos últimos cinco anos e vamos continuar a manter uma relação construtiva e comprovada", afirmou.

O candidato do grupo S&D, o comissário europeu Nicolas Schmit, reconheceu que o grupo não alcançaria o primeiro lugar das preferências dos europeus, para depois realçar que o "forte segundo lugar" tem a força suficiente para não poderem ficar de fora das decisões. "Sem nós não há maioria."

O luxemburguês, porém, coincidiu com Von der Leyen no que toca ao radicalismo, ao apelar para todas as forças democráticas "unirem forças, se juntarem e não olharem para os extremos" na próxima legislatura. "Comecei a minha campanha a dizer que não deve haver nenhuma abertura, nenhuma concessão, nenhum acordo com a extrema-direita. Isto está mais sólido do que nunca", afirmou Schmit, que vê na luta contra as alterações climáticas a prioridade do próximo mandato.

Apesar de terem alcançado bons resultados nos países do norte da Europa, os Verdes foram dos mais fustigados pelos eleitores, perdendo cerca de um quar-

Manfred Weber, presidente do PPE, maior grupo político, aplaude a compatriota Ursula von der Leyen.

JOHN THYS / AFP

"Estou muito orgulhosa das reformas que introduzimos, especificamente porque este Parlamento Europeu enfrentou uma série de desafios no final de 2021 [Caso Qatargate]."

Roberta Metsola
Presidente do Parlamento Europeu

"O PSOE converte-se na única opção de Governo capaz de fazer frente à onda de extrema-direita que percorre a Europa e Espanha. Continuaremos a trabalhar para uma Europa de progresso."

Pedro Sánchez
Primeiro-ministro espanhol

Giorgia Meloni foi a cabeça de lista do seu partido, uma aposta vencedora que dá novo peso aos Conservadores e Reformistas.

TIZIANA FABI / AFP

Os Verdes da Suécia, como noutros países nórdicos, conseguiram resultados melhores do que no resto da UE.

EPA / NICKLAS THEGERSTROM

O grupo dos socialistas e sociais-democratas recusa qualquer acordo ou concessão com a extrema-direita na próxima legislatura.

to da representação. Philippe Lamberts, copresidente do grupo, aconselhou a provável maioria a formar, entre conservadores, sociais-democratas e socialistas e liberais a evitar a extrema-direita e, apesar dos "resultados dececionantes", reafirmou a importância do seu grupo político no Parlamento Europeu. "Se quisermos que as sociedades europeias continuem a ser seguras para todos, mais do que nunca as forças democráticas têm de se manter unidas", declarou.

As forças de extrema-direita ganharam peso, em especial devido aos resultados nos países mais populosos – Alemanha, Espanha, Itália e França –, mas apresentou resultados díspares noutros países, ora não subindo tanto quanto esperado, ou mesmo perdendo peso, caso da Suécia.

Por outro lado, as forças de extrema-direita estão longe de um entendimento. A Alternativa para a Alemanha (AfD), que obteve um resultado acima do esperado, foi recentemente expulsa do grupo Identidade e Democracia (ID) após uma série de escândalos envolvendo o seu cabeça de lista. O partido estará tentado a criar um novo grupo político, noticia a Euronews, assim consiga reunir no mínimo 23 eleitos de, pelo menos, sete países. Com os partidos mais extremistas fora do ID, será tema a acompanhar o projeto de unir este grupo onde pontifica a Reunião Nacional de Marine Le Pen ao grupo eurocético dos Conservadores e Reformistas, onde os Irmãos de Itália, da primeira-ministra Giorgia Meloni, e o espanhol Vox de Santiago Abascal ganharam mais peso. Segundo os resultados provisórios, a junção destes dois grupos criaria o terceiro maior, com 128 eurodeputados, menos sete do que os Socialistas & Democratas.

Até à primeira sessão plenária, a decorrer em Estrasburgo de 16 a 19 de julho, será tempo para negociações intensas. Presidente, vice-presidentes do Parlamento, assim como os cinco questores (eurodeputados encarregados das questões financeiras dos colegas) são os primeiros a ser eleitos. Mais tarde, e depois de os líderes dos 27 países proporem – com enorme probabilidade – o nome de Ursula von der Leyen, esta terá de seduzir os mais de 400 eurodeputados dos três grupos. Em 2019, muitos eleitos não seguiram as indicações de voto das respetivas lideranças.

cesar.avo@dn.pt

"Decidi dar-vos uma escolha sobre o futuro parlamentar. Esta escolha é séria, ponderada e, acima de tudo, um ato de confiança."

Emmanuel Macron
Presidente francês

"Não há qualquer possibilidade de cooperar com aqueles que querem desmantelar, que querem enfraquecer esta Europa que construímos [durante] várias décadas."

Nicolas Schmit
Candidato socialista à Comissão Europeia

Meloni vence em Itália, AfD 2.ª na Alemanha e Macron, humilhado, convoca Legislativas em França

Vitórias em França e Itália para extrema-direita, que na Alemanha ficou atrás da CDU, mas bateu partido de Scholz. Em Espanha, PP vence à tangente. Polaco Tusk garante vitória de pró-europeus.

TEXTO **HELENA TECEDEIRO**

AfD ultrapassa SPD, mas CDU vence na Alemanha

Se as Europeias forem vistas como um referendo aos Governos Nacionais, a coligação no poder na Alemanha sofreu ontem uma pesada derrota. O SPD do chanceler Olaf Scholz, Os Verdes e os liberais do FDP foram duramente castigados nas urnas, num escrutínio em que os democratas-cristãos da CDU venceram com 30%, mas a AfD foi a grande surpresa da noite, ao ficar em segundo lugar, com cerca de 16%. Tudo somado, o partido de extrema-direita "roubou" um milhão de votos aos três partidos da coligação, com o SPD a ser o grande castigado, obtendo o pior resultado da sua história. "Em conjunto com [a presidente da Comissão Europeia] Ursula von der Leyen, a CDU e a CSU (irmã bávara da CDU) ganharam as Europeias na Alemanha de forma clara", lembrou o líder dos democratas-cristãos, Friedrich Merz.

"Quando o povo vota, o povo ganha", garantiu Marine Le Pen na noite da vitória de Jordan Bardella.

Le Pen esmaga e Macron convoca eleições

Recebido em festa no quartel-general do Rassemblement National (RN, ex-Frente Nacional), o cabeça de lista e líder do partido, Jordan Bardella, saudou o "desejo de mudança" dos franceses que deram ao partido que tem como figura tutelar Marine Le Pen uma vitória inequívoca: 31,5%. O dobro do conseguido pelo Renascimento, a coligação de centristas e liberais que inclui o partido do presidente Emmanuel Macron e que, liderada por Valérie Hayer, se ficou pelos 14,7%. E a mudança chegou poucos minutos depois quando Macron se dirigiu ao país para dissolver a Assembleia Nacional e convocar Eleições Legislativas. "Não posso fingir que não aconteceu nada", afirmou o presidente, anunciando a primeira volta já para 30 de junho e a segunda a 7 de julho. Uma decisão que Le Pen não tardou em saudar: "Quando o povo vota, o povo ganha." E garantiu: "Estamos prontos para exercer o poder." E o vice-presidente do RN, Louis Aliot, garantiu que vão "bater-se pela maioria", para que Bardella, de 28 anos, "chegue a Matignon [a residência oficial do primeiro-ministro]. Em terceiro lugar com 14% dos votos, o cabeça de lista dos socialistas, Raphaël Glucksmann, criticou a opção de Macron: "Ao obedecer ao pedido de Jordan Bardella, Macron joga um jogo perigoso com a democracia e as instituições." O quarto lugar ficou para a France Insoumise, da cabeça de lista Manon Aubry, à frente de Os Republicanos, liderados por François-Xavier Bellamy, e do Reconquista, por Marion Maréchal (sobrinha de Le Pen). Com três semanas até os franceses voltarem às urnas para elegerem a sua nova Assembleia Nacional, à esquerda apela-se à união numa "frente popular", uma "união útil", para evitar uma nova vitória da extrema-direita. E se toda a gente já está a preparar a campanha para as Legislativas, os olhos viram-se inevitavelmente para as Presidenciais, previstas para 2027, em que Macron não se pode recandidatar e Le Pen tem verdadeiras hipótese de, à terceira, chegar ao Eliseu.

Italianos votam "Giorgia" e dão vitória a Meloni

Giorgia Meloni tinha feito destas Eleições Europeias um verdadeiro plebiscito ao seu Governo, um ano e meio depois de ter chegado ao poder, e os italianos parecem ter acedido ao seu pedido de que "basta escrever Giorgia no boletim". Não escreveram Giorgia, mas a maioria votou no seu Irmãos de Itália, que, segundo as projeções, obterá entre 26% e 30% dos votos, à frente do Partido Democrático, que na sua primeira ida às urnas sob a liderança de Elli Schlein, também cabeça de lista, deverá obter entre 21% e 25%. Em terceiro lugar surge o Movimento 5 Estrelas (10-14%), seguido do Força Itália (8,5-10,5%), da Liga do vice-primeiro-ministro Matteo Salvini (8-10%), e do AVS, Aliança Verdes e Esquerda (5-7%). Reforçada em casa como na Europa, Meloni afirma-se como a mulher do momento, resta saber se vai optar por se aliar ao partido de Le Pen no Parlamento Europeu ou se vai dar o seu apoio ao PPE e a Von der Leyen.

PP e PSOE taco a taco com Vox a duplicar votos

Quem esperava que as primeiras projeções viessem trazer alguma luz sobre o vencedor destas Europeias em Espanha, desiludiu-se. PP e PSOE estavam ao taco a taco. Com as 22.00 horas e a divulgação dos resultados, os populares confirmaram uma ligeira vantagem sobre os socialistas (22 lugares no Parlamento Europeu *versus* 20). A extrema-direita do Vox surge em terceiro lugar, duplicando o seu número de eurodeputados, passando para 6. O Ahora Repúblicas, coligação que inclui a catalã ERC ou o basco Bildu, obteve três lugares, tal como o Sumar, que reúne várias forças de esquerda, ficando à frente do Podemos (2), do Junts per Catalunya (1) e do CEUS (Coligação por uma Europa Solidária), também com 1. O Ciudadanos desaparece. Mas a grande surpresa da noite foi mesmo o Se Acabó La Fiesta (SALF), a formação de extrema-direita, antissistema e anticorrupção liderado por Alvise Pérez, que elegeu três eurodeputados. "Sem recursos e com o total descrédito dos partidos, dos *media* e dos governos, um grupo de espanhóis livres conseguiu um resultado histórico", rejubilou Alvis numa conferência de imprensa em Madrid. Perante a, mesmo curta, vitória do PP, o líder Alberto Núñez Feijóo garantiu que Espanha está "perante um novo ciclo político". Já a cabeça de lista do PSOE, Teresa Ribera, tem leitura bem diferente: "Se Feijóo apresentou estas eleições como um plebiscito ao presidente do Governo perdeu, foi um fracasso."

Grande vitória para Donald Tusk na Polónia

Em Varsóvia a noite foi de festa para o primeiro-ministro – e antigo presidente do Conselho Europeu – Donald Tusk e a sua Coligação Cívica (KO), com as projeções a darem-lhe 38,2% dos votos, à frente do Lei e Justiça (PiS, de Jaroslaw Kaczynski), que se ficou pelos 33,9%. Esta é a primeira vez que a KO bate o PiS nas urnas desde 2011. Em terceiro lugar surgia o Confederação, eurocético e de extrema-direita, à frente da Terceira Via, de centro-direita e parte da coligação de Governo de Tusk. "A Polónia mostrou que a democracia triunfa aqui", afirmou o primeiro-ministro, que fez deste escrutínio uma luta existencial entre os defensores da UE e os populistas do PiS, que ele acusou de querer retirar da União.

"Esperámos exatamente dez anos pelo primeiro lugar no pódio. Estou feliz. Temos o direito de estar felizes e emocionados."

Donald Tusk
Primeiro-ministro polaco e ex-presidente do Conselho Europeu

"A esquerda já não tem legitimidade, as pessoas votaram no centro-direita e isso é uma boa notícia para a Europa."

Manfred Weber
Presidente do Partido Popular Europeu

Opinião
Viriato Soromenho Marques

União Europeia: à deriva entre duas ilusões

Tudo indica que as forças do nacionalismo e populismo extremos terão um significativo ganho relativo de deputados no Parlamento Europeu (PE) em 2024. Contudo, já nas eleições de 2014, a mesma corrente política obteve triunfos substanciais. Basta recordar a vitória da Frente Nacional (hoje, Reagrupamento Nacional-RN) de Marine Le Pen, ou o sucesso de Nigel Farage, com o seu UKIP, que seria o instrumento fundamental para o *Brexit* em 2016.

Em 2014, sangrava ainda a crise do euro, disfarçada com a máscara oficial da "crise das dívidas soberanas". Tratava-se, então, de uma clivagem aguda. mas na periferia europeia (Irlanda, Grécia, Portugal, Chipre, a banca espanhola…). A sua narrativa afundava-se numa linguagem económica e financeira errada e moralista: corrigir o pecado coletivo de povos inteiros que teriam vivido acima das suas posses.

As vitórias populistas, de 2014 e de 2024, pelo contrário, mudam a intensidade, mas também a geografia e o léxico do mal-estar europeu. O fulcro da doença da UE ataca hoje o núcleo dos países da *Declaração Schuman* de 1950, diria mesmo, o coração da velha Europa Carolíngia. O populismo já governa a Itália e a Holanda, ameaça uma Alemanha, que nunca foi tão desgovernada em democracia (incluo a República de Weimar), e caminha para uma vitória presidencial de Marine Le Pen em 2027, que só a doença ou a guerra poderão travar.

Para capitalizar os seus ganhos no PE, os partidos populistas deverão fundir os seus dois grupos parlamentares, respetivamente, o ID (Identidade e Democracia), onde pontifica o RN de Marine Le Pen, e o ECR, onde se destacam os Irmãos de Itália, da PM italiana Giorgia Meloni.

O PE será apenas mais uma plataforma para assaltar o centro do poder da UE, o Conselho Europeu, onde se definem alianças e hierarquias. Mas o que querem, afinal, os populistas? O seu discurso, nem sempre coerente, reclama mais devolução de soberania às nações, menos competências das instituições europeias, em especial da Comissão Europeia (CE). Querem mais autonomia dos Estados nas migrações e na política externa e de defesa. Dividem-se sobre o que fazer perante a guerra na Ucrânia, mas estão unidos na contestação das políticas ambientais e climáticas. A sua natureza, simultaneamente populista e nacionalista, não augura uma cooperação sistemática entre estas forças, à medida que assumam lugares de decisão nos respetivos países. Mais perigoso ainda é o seu desempenho em matéria de Direitos Humanos: chauvinismo, racismo, homofobia, fazem parte de uma agenda de (maus) costumes, que, aliás, é partilhada com alguma da velha direita.

Contudo, importa não cair na habitual falácia de tomar as causas pelos efeitos. Se a onda populista marca um novo ciclo político, no estado de crise permanente em que a UE entrou, quase desde o início do século, isso deve-se à incapacidade de democratas-cristãos, socialistas e liberais se manterem fiéis a um projeto europeu baseado na defesa da paz, do Estado Social e da proteção ambiental.

O neoliberalismo e a sua teologia de mercado intoxicaram a construção europeia, desde logo na incompetente arquitetura da Zona Euro, e depois na passividade cúmplice face à subida aguda da desigualdade e da pobreza nos países europeus. Por outro lado, também não foram Governos populistas que arrastaram a UE para a perigosa subordinação à NATO e aos EUA, numa guerra, que segundo inquérito recente do Institute of Global Affairs, de Nova Iorque, conta com a oposição esmagadora de europeus e norte-americanos.

Vejamos dois dos erros cruciais que alimentaram o populismo. Um dos primeiros países onde o extremismo despontou, com o partido Aurora Dourada, foi a Grécia. Então, sob o duplo peso da austeridade e de vagas de migrantes. Os Governos de Atenas e Roma gerem duas das mais sensíveis zonas de entrada de refugiados na Europa. É extraordinário verificar não só o total improviso e falta de solidariedade da UE, como a criminosa e irresponsável descoordenação entre os Estados-membros na prevenção das causas das migrações.

O aventureirismo do Reino Unido, e de outros países europeus, esteve patente, no apoio militar à infundada e brutal invasão norte-americana do Iraque, em 2003. As ondas de refugiados nessa altura criadas, aumentaram substancialmente com a intervenção "humanitária" da NATO contra o Governo de Kadhaffi, em 2011. A França de Sarkozy e o Reino Unido de Cameron foram dos mais ativos intervenientes na destruição de um dos mais prósperos países africanos, transformado hoje num santuário terrorista e numa fábrica de refugiados.

Pior ainda, a CE tinha conseguido em outubro de 2010, depois de anos de negociação com Tripoli, um amplo acordo que tornaria a Líbia num aliado da UE no combate às redes de migração ilegal e no acolhimento temporário de refugiados. Como se tal não bastasse, a França de Hollande e, uma vez mais Cameron, com o apoio de Hillary Clinton, querendo derrubar o Governo sírio a qualquer preço, sustentaram uma guerra civil, causadora de milhões de refugiados, que se abateram em particular sobre a Alemanha, em 2015. O PE aprovou há semanas um *Pacto das Migrações e Asilo*, mas ele não menciona a responsabilidade dos Estados-membros que agravaram unilateralmente esse problema humanitário, nem confere os meios necessários para o seu cabal financiamento.

A guerra da Ucrânia é outro expoente da negligência estratégica da UE na defesa da paz e boa vizinhança. O discurso dominante coloca na Rússia a responsabilidade total, mas quem tenha algum pudor intelectual não confundirá propaganda com objetividade. Desde 2008 que a UE e EUA sabiam das objeções fundamentais da Rússia contra a entrada de Kiev na NATO. William Burns, hoje chefe da CIA, então embaixador de Washington em Moscovo, alertou, em 2008, para a insensatez desse alargamento. Em 2010, foi eleito o presidente Yanukovich (em eleições universalmente reconhecidas como limpas), na base de uma plataforma que faria da Ucrânia um país que deveria ser ponte, e não fronteira, entre a NATO e a Rússia (em 2019, Zelensky seria eleito tendo por promessa principal a resolução negociada e pacífica dos diferendos com Moscovo…).

Em 2014, Yanukovich é derrubado insurrecionalmente em Kiev, precipitando-se uma guerra civil. Ficámos a saber, já depois da invasão de 2022, que a iniciativa russa de resolver diplomaticamente a contenda, através dos *Acordos de Minsk I* e *II* (em 2014 e 2015), foi encarada por Merkel e Hollande, em representação da UE, como uma oportunidade para enganar Putin, dando tempo para Kiev se transformar, como escreve John Mearsheimer, num membro de facto da NATO.

A grande ilusão dos partidos fundadores da UE, e que se consideram como donos da democracia genuína, é a de que a UE *low cost* do euro poderia ter futuro. A ilusão de que seria possível alimentar a grandiloquência retórica dos valores europeus, da Justiça Social com prosperidade económica e sustentabilidade ambiental, através de uma união monetária, sem união política, nem união orçamental e fiscal, desprovida de um sistema de paz pan-europeu.

A nova ilusão, dos nacionalismos populistas, é a de que poderemos regressar, tranquilamente, a uma mítica Europa das nações, sem nos cortarmos nos estilhaços que a implosão da atual estrutura da UE inevitavelmente provocaria. Contudo, a primeira e urgente prova de fogo da realidade, na nova paisagem política, será a de travar a escalada suicida para uma guerra frontal da UE com a Rússia.

> **"Contudo, a primeira e urgente prova de fogo da realidade, na nova paisagem política, será a de travar a escalada suicida para uma guerra frontal da UE com a Rússia."**

Professor universitário.

Dia de Portugal. O que mudou em Pedrógão, sete anos depois do fogo

REPORTAGEM O Presidente da República cumpriu a promessa de levar para os três concelhos dizimados pelo fogo em 2017 as comemorações do 10 de Junho. Por alguns dias, há vida e gente. Quem lá mora reconhece algum trabalho na floresta, mas demasiado lento.

TEXTO **PAULA SOFIA LUZ**

NUNO BRITES / GLOBAL IMAGENS

Um calor abafado reflete-se em finos pingos de suor na testa de um pequeno grupo de bombeiros, sentados numa clareira, à sombra, junto ao Quartel da Associação Humanitária de Figueiró dos Vinhos. Os dias assim trazem sempre memórias, más memórias. É junho, o mês em que tudo mudou, quando o fogo assomou com tamanha violência que varreu de cinza e morte estradas e aldeias do Pinhal Interior, em 2017.

É junho, mas desta vez há por ali um corrupio nunca visto: dezenas de militares do Exército e da Força Aérea ocupam agora um espaço onde, se estivessem todos ao mesmo tempo, a contagem do corpo ativo se quedaria pelos 75 elementos. Desde o início de junho que cada um dos três concelhos mais afetados pela tragédia de há sete anos anda numa roda viva, à conta das Cerimónias do 10 de Junho, que este ano decorrem repartidas por Pedrógão Grande, Castanheira de Pêra e Figueiró dos Vinhos.

Em frente ao quartel, está montado o palco que há de acolher um concerto, não tarda. Entre esse anfiteatro e a sede dos BVFV, *mora* agora um monumento de Homenagem ao Bombeiro. É uma estátua em bronze, concebida pela escultora britânica Carolyn Morton, que há mais de uma década reside na região.

"Ainda está fresca", brinca uma das 21 mulheres que integram o corpo ativo. Afinal, foi inaugurado há semanas, a 19 de maio, pelo aniversário da corporação. "Foi um repto que lançámos ao presidente da Câmara, no ano passado. E ele acolheu", conta ao DN o comandante, Jorge Martins, exemplo claro de como o voluntariado e a causa humanitária podem ser inatos: também o pai foi bombeiro, também comandante. O filho, agora com 18 anos, acabou de fazer a recruta. A sobrinha, com apenas 6 anos, já se inscreveu na Escola de Cadetes e Infantes, reforçada pela "escolinha de bombeiros", nas últimas férias da Páscoa.

Aos 47 anos, Jorge conhece tão bem o fogo como a região onde nasceu e de onde nunca saiu, ao contrário de muitos da sua geração. Falta-lhes gente, pelo menos toda aquela que gostariam de ter, dentro e fora do quartel. "A grande diferença é que aquilo que ardia numa semana ou duas, agora arde num dia ou dois", diz ao DN, quando lhe perguntamos pelo que mudou, na região, nos últimos anos, mas também pelo que mudou na prevenção e combate.

No centro do problema, continua a floresta. "Antigamente aproveitava-se tudo: o mato, as hortas. Depois havia gente, que mantinha as coisas cuidadas. Essa é a grande diferença, e é o que faz aumentar o combustível." E, afinal, conclui que o dispositivo de combate no país "e praticamente o mesmo, embora nos tenham prometido, na altura, que seria muito maior, depois daquele fatídico 2017".

Jorge lamenta que os anos passem e "percamos sistematicamente a oportunidade de mudar, de melhorar", nomeadamente nas condições que os bombeiros (não) têm. Ali, em Figueiró dos Vinhos, vale-lhes a autarquia, que definiu um conjunto de apoios a quem veste a farda: isenção de pagamento de IMI, de taxas diversas, da conta da água, um apoio para as rendas.

Não foi o caso dos bombeiros (que aguardam pela mexida no estatuto social), mas "terá sido o do ICNF, que cresceu muito", considera o comandante, de olhos postos na estrada por onde ele e os camaradas seguiram para combater aquele fogo, há 7 anos, por onde saem todos os dias para acudir a outros, bem menores.

> O incêndio que deflagrou em 17 de junho de 2017 em Pedrógão Grande e alastrou a dois concelhos vizinhos provocou 66 mortos e mais de 250 feridos, sete dos quais graves, destruiu meio milhar de casas e 50 empresas.

"Ouvi falar em milhões, mas vê-se muito pouco"

"Se não fosse o 17 de junho [de 2017] não tínhamos aqui o 10 de Junho. Foi a maneira que o Presidente da República arranjou (finalmente) de voltar a por o foco neste território." Ao fim de sete anos, Dina Duarte já não tem ilusões sobre grandes mudanças. Mas reconhece que alguma coisa mudou, neste tempo. "Em 2017 isto estava abandonado. Agora está um pouco mais cuidado. Há, efetivamente, alguma gestão florestal a ser feita, algumas limpezas, alguns programas a serem aplicados."

A presidente da Associação das Vítimas do Incêndio de Pedrógão Grande só teve a real noção da quantidade de projetos aprovados em fevereiro deste ano, quando Marcelo Rebelo de Sousa a chamou ao Palácio de Belém, anunciando a intenção de fazer ali as comemorações do *Dia de Portugal*. Também lá estava o então secretário de Estado da Valorização do Interior e Conservação da Natureza, João Paulo Catarino, e foi ele quem anunciou o rol de programas aprovados. "Ouvi falar em milhões. Mas na prática, vê-se muito pouco", afirma Dina Duarte.

Estamos no Bolo, a aldeia de Castanheira de Pêra onde ela e o marido, o pintor João Viola, mantêm a Quinta da Nogueira, onde aliás estavam a 17 de junho, quando o fogo varreu a aldeia do Nodeirinho, onde o casal reside habitualmente. À volta, já não há sinais de terra queimada. O verde traiçoeiro dos eucaliptos toma conta da paisagem.

"Entre isto e nada é preferível isto. Entre isto e a ambição é muito pouco", sublinha Dina, determinada a continuar "a velar não só pela memória dos que partiram (66, no total), como a zelar por um território que precisa de pessoas cá, e que seja resiliente".

Essa é, de resto, a matriz da as-

As obras de última hora para as cerimónias e a realidade no terreno que evidencia que os eucaliptos ainda são uma espécie dominante e que o que existe é "alguma gestão florestal" e "alguma limpeza".

NUNO BRITES / GLOBAL IMAGENS

NUNO BRITES / GLOBAL IMAGENS

sociação neste momento: "Capacitar as pessoas para, num qualquer evento que voltasse a acontecer, as pessoas tenham, pelo menos, alguma formação-base de como agir".

Porque se houve certeza que ficou depois do fogo foi a de que muitos morreram a fugir de casa, quando, lá, estariam, afinal, mais seguros.

Entre cursos diversos e o clamor pelo território, a AVIPG vai "apagando vários fogos", como diz a presidente, ela própria habituada a "viver com o fogo" desde criança, naquela aldeia encostada à serra da Lousã.

"Mas fogo com aquela violência, aquela rapidez e capacidade destruidora, nunca tínhamos visto. E o que me assusta, a mim, enquanto cidadã, é saber que não estamos fora de isso voltar a acontecer", receia.

> Quatro meses depois, em outubro de 2017, outros incêndios na Região Centro fizeram 49 mortos e cerca de 70 feridos, registando-se ainda a destruição, total ou parcial, de cerca de 1500 casas e mais de 500 empresas.

Faltam pessoas, sobram projetos

António Henriques cumpre o primeiro mandato enquanto presidente da Câmara de Castanheira de Pêra, o mais pequeno dos três concelhos. Sabe que vive numa espécie de corrida contra o tempo, por forma a salvar a terra de um continuado despovoamento.

Fala ao DN no bar da Praia das Rocas, a piscina de ondas artificiais idealizada por um antecessor, inaugurada em 2005. Em fundo, o ensaio da Banda do Exército que, nessa noite, há de criar memórias no público das redondezas. Encara a comemoração do 10 de Junho no território como "uma oportunidade de o promover e fazer com que olhem para ele, para que possamos ter um Portugal completo".

O que quer dizer com isso? "Que há uma necessidade de efetivar programas mais estruturais, além daqueles que já existem, para que este tipo de territórios tenham o mesmo tipo de oportunidades do litoral", a coesão territorial, no fundo.

O grande problema ali chama-se população. Hoje, como em 2017. O autarca acredita que o incêndio daquele 17 de junho "foi uma consequência de décadas de despovoamento, que culminaram na desertificação. Este território ficou abandonado, sem gestão florestal – perigosamente encostado aos aglomerados populacionais e às estradas – associado a um efeito climatérico que fez acontecer aquela tragédia".

Ao contrário de outras vozes, António Henriques considera que a desgraça "fez com que passassem a olhar para estes territórios de forma diferente". Aponta um conjunto de projetos no âmbito da floresta, mas reconhece "uma dificuldade na efetivação", e estabelece uma relação diretamente com "o facto de Castanheira de Pêra ter sido um péssimo exemplo no aproveitamento de fundos comunitários". "Andámos perdidos no tempo", lamenta, sustentando que não fizeram "nenhuma candidatura a programas como o *Condomínio da Aldeia*, ou a *Áreas Integradas de Gestão da Paisagem*, tão pouco a uma área empresarial".

O autarca garante que, nestes dois anos e meio, fez essa corrida: "Temos agora 36 aldeias candidatadas ao *Condomínio* (10 já adjudicadas), uma *AIGP* identificada e um condomínio empresarial que aguarda apenas pelo visto do Tribunal de Contas." Mas todos esses processos demoram muito tempo. Tempo que Castanheira não tem. "É por isso que eu sou defensor de um Simplex de execução, e de uma maior fiscalização", afirma António Henriques.

Na verdade, tomando por exemplo o *Condomínio de Aldeia* (cujo objetivo é dar apoio e resiliência às aldeias localizadas em territórios vulneráveis de floresta, através de um conjunto de ações destinadas a assegurar a alteração do uso e ocupação do solo, além da gestão de combustíveis em redor dos aglomerados populacionais), demora cerca de dois anos a concretizar.

Quando perguntamos ao presidente da Câmara o que mais lhe faz falta no território, dispara imediatamente para "o capital humano". "Pessoas. É tudo o que precisamos. Já sabemos que as pessoas só se fixam se houver emprego."

O concelho tem atualmente 2765 habitantes. Já teve menos: os *Censos 2021* mostravam menos 106 pessoas. António Henriques fala de fluxos migratórios relevantes, de origens distintas, desde os nórdicos até "uma comunidade brasileira de grande expressão, que temos acolhido de muito bom grado". Por cada nascimento a autarquia atribui um apoio financeiros de dois mil euros.

dnot@dn.pt

Rui Rosinha discursa na sessão solene

Rui Rosinha, o antigo bombeiro de Castanheira de Pêra que sofreu violentas queimaduras durante o combate ao fogo de 2017, é a personalidade escolhida pelo Presidente da República para discursar na sessão solene do 10 de junho, que decorre hoje, em Pedrógão Grande.

As comemorações do *Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas* começaram este domingo, junto ao memorial de homenagem às vítimas do fogo 2017. Seguiu-se uma missão em Figueiró dos Vinhos, também ela de sufrágio pelos que perderam a vida naquele incêndio. Durante a tarde, foi a vez de Castanheira de Pêra receber a apresentação de cumprimentos do corpo diplomático ao Presidente da República. O dia terminou com concerto e um espetáculo multimédia na Praia das Rocas.

O programa desta manhã de 10 de Junho começa em Pedrógão Grande, com a Cerimónia Militar Comemorativa do *Dia de Portugal*, na qual participam mais de 1300 militares dos 3 ramos das Forças Armadas. Após a cerimónia, o Presidente da República, acompanhado pelo Primeiro-Ministro, Luís Montenegro, parte para Coimbra para as celebrações dos 500 anos de Camões.

Na Universidade de Coimbra, visita a Biblioteca Joanina e preside à Cerimónia Evocativa dos 500 anos de Camões, terminando o dia com um espetáculo musical no Pátio das Escolas. Além destes concelhos da Região Centro, as comemorações decorrem ainda Genebra, Berna e Zurique, na Suíça.

Rui Rosinha
Ex-bombeiro

Opinião
João Paulo Oliveira e Costa

Portugal, uma longa e improvável existência de nove séculos

No dia de hoje celebramos o nosso país. Não invocamos uma batalha ou uma conquista, tampouco uma revolução, como muitos outros povos, mas assinalamos antes a data provável do falecimento do maior dos nossos poetas, autor de uma obra-prima que é admirada *urbi et orbi* e que nos remete para a força da nossa História e para a língua, que foi um factor de coesão da nação portuguesa desde o século XIV e que se tornou numa das mais faladas do mundo, apesar da pequenez territorial do Estado português.

Nascido num finisterra, onde a terra acaba e o mar começa, Portugal desenvolveu-se nos séculos XII e XIII como um território que era periférico, olhando para a massa continental, mas que era central se nos focarmos na linha da costa europeia. O amplo estuário do Tejo foi, por isso, escolhido pelos fenícios para local da última cidade mediterrânica, e depois os romanos tornaram-no uma placa giratória que ligava o mundo mediterrânico, soalheiro e quente, do vinho e do sal, ao mundo atlântico, chuvoso e frio, das lãs e da cerveja. A noção de que o Ocidente Ibérico era diferenciado foi notado há mais de 2500 anos, quando surgiu uma estrada que ligava as Astúrias a Cádis, aproveitando o limite ocidental da Meseta e fugindo quase sempre ao território enrugado que viria, aliás, a definir a linha da fronteira portuguesa. Esta especificidade ocidental foi depois consagrada pelos Romanos quando criaram duas províncias nessa região, a Galécia e a Lusitânia, e manifestou-se de um modo espontâneo quando os seus habitantes começaram a falar uma língua diferente do proto-castelhano, há uns 1000 anos.

Galegos, portugueses e leoneses tiveram aspirações diferentes e enfrentaram-se nos séculos XII e XIII, e foi Portugal que logrou escapar, só, à força centrífuga de Castela. Em 1297, o *Tratado de Alcanizes* consagrou a fronteira mais antiga do mundo e nasceu então um estado-língua, pois deu-se o caso singular de a linha fronteiriça englobar dentro de si todos os falantes de português e só os falantes de português. Esta unidade entre Estado e língua, num território que só tinha um vizinho e que, algumas décadas mais tarde, em 1373, selou a segurança marítima através da mais velha aliança do mundo, possibilitou, naturalmente, o surgimento de um Estado-Nação precoce, cujos representantes do povo, em 1498, já afirmavam contra a possibilidade de o seu rei ser também de outros e que exigiam que, em caso de união peninsular, o príncipe teria de saber falar português e só poderia nomear portugueses para os cargos administrativos, como veio, a suceder, aliás, entre 1580 e 1640. A propósito da aliança com a Inglaterra vale a pena lembrar que o apoio militar inglês foi importante em 1385 e foi fundamental em 1660-1668 e 1807-1815, para que o país mantivesse a independência.

Entretanto, o rectângulo original tinha-se transformado num país territorialmente descontínuo – um Estado arquipelágico, uma potência marítima que ganhou assim uma largueza que o espaço peninsular lhe negava. As dinâmicas da navegação não se contentaram, todavia, com os arquipélagos adjacentes e o país transformou-se e transformou o mundo pelos *Descobrimentos*. Até ao final do século XV, nenhum ser humano tinha uma noção sequer aproximada da dimensão e da configuração da Terra, mas as navegações começadas pelos portugueses e seguidas por outros europeus, possibilitaram uma revolução geográfica que alterou para sempre a relação da Humanidade com o planeta, ao dar os primeiros passos para a globalização dos nossos dias.

Exploradores, mercadores, conquistadores ou missionários, os portugueses misturaram-se com povos ultramarinos e a memória desses encontros perdura em inúmeros monumentos e museus, desde o Brasil ao Japão. Por todos esses territórios, lograram estabelecer alianças com potentados locais, o que lhes permitiu criar um império miscigenado, expandir negócios intercontinentais e criar áreas de dominação territorial, caldeadas pela influência do cristianismo e da língua portuguesa. Esta projecção para o exterior longínquo beneficiou da paz duradoura com a Espanha, um caso único em toda a Europa, o que ajuda a compreender a imagem de um país de brandos costumes.

A pequenez territorial desfez-se na amplitude atlântica, que levou o Prior do Crato a prolongar a resistência a Filipe II nos Açores (1580-1583), e, sobretudo, que fez despontar desde muito cedo o Brasil como o principal centro do mundo português, o que já se adivinhava no século XVII, se afirmou no XVIII e que se consagrou no início do XIX, quando a corte se mudou para o Rio de Janeiro.

À raridade do Estado-língua medieval e à felicidade de ter ao lado um vizinho pouco agressivo, que possibilitou cerca de 700 anos de paz fronteiriça, juntou-se mais um facto único a marcar a especificidade portuguesa na História, quando, por uma vez, a corte de um Estado europeu se instalou num território originalmente colonial. No entanto, a grandeza do Brasil excedeu a capacidade de aceitação dos portugueses, que não quiseram tornar-se num vice-reinado e a Revolução Liberal acabou com o Absolutismo, mas também, impediu o recentramento definitivo de Portugal na América.

No mundo complexo do século XX, Portugal continuou a fazer valer a sua relevância geo-política, quando foi um dos fundadores da NATO, em 1949, apesar de ser governado por uma ditadura ao contrário dos outros 11 Estados fundadores. Também a capacidade de se articular com povos indígenas na dominação colonial perdurou até 1974, pois nesse ano, 52% dos efectivos militares que combatiam os movimentos de libertação eram moçambicanos e em Angola também se aproximavam dos 50%. Por isso, o breve episódio da descolonização logo deu lugar a diversos instrumentos de cooperação e à criação da CPLP.

Hoje, Portugal é reconhecido como um país influente nos corredores dos organismos internacionais, o que foi coroado com várias eleições relevantes, com particular destaque para a de António Guterres como secretário-geral da ONU.

País pequeno que se agigantou ao longo da História, Portugal aproxima-se dos nove séculos de existência. Os mais puristas entenderão que a independência só conta desde 1179, quando a Santa Sé reconheceu finalmente a realeza de D. Afonso Henriques, e a maioria contenta-se com o ano de 1143 e o entendimento saído da *Conferência de Zamora*, mas a verdade é que D. Afonso Henriques se proclamou *Rex* pela primeira vez, após a *Batalha de Ourique*, em 1139, e que se tornou, *de facto*, autónomo em 1128, quando afastou a sua mãe mais os seus aliados galegos da governança do Condado Portucalense.

A Sociedade Histórica da Independência de Portugal irá assinalar esta longa efeméride, na convicção de que pensando o país na sua longa linha temporal poderemos compreender cada vez melhor a nossa sociedade.

Neste olhar para os acontecimentos que moldaram o Reino de Portugal no século XII, o primeiro de todos está à distância de um ano e será assinalado condignamente em Zamora, a 8 de Junho de 2025, no Domingo de Pentecostes, passados nove séculos do dia em que o jovem D. Afonso Henriques deu sinal de rebeldia e de espírito autonomista quando se armou cavaleiro a si próprio, como faziam os reis.

Neste olhar para os acontecimentos que moldaram o reino de Portugal no século XII, o primeiro de todos está à distância de um ano e será assinalado condignamente em Zamora, a 8 de Junho de 2025, no Domingo de Pentecostes, passados nove séculos do dia em que o jovem D. Afonso Henriques deu sinal de rebeldia e de espírito autonomista quando se armou cavaleiro a si próprio, como faziam os reis."

Historiador e Presidente da Comissão Executiva das Comemorações "Portugal 900 Anos".
Escreve sem aplicação do Novo Acordo Ortográfico.

Imigrantes com medo de portugueses e vice-versa. Policiamento aumenta no Porto

SEGURANÇA O DN esteve na zona onde cinco estrangeiros foram agredidos e verificou o forte aparato policial. Na semana passada, dois imigrantes foram agredidos na rua. A PSP está em diligências para tentar identificar os autores do crime.

TEXTO **AMANDA LIMA**

Vinte polícias e três carrinhas de Intervenção Rápida estão estacionadas na zona do Campo 24 de Agosto, no Porto. Estamos na manhã do último sábado, um dia nublado e normal na cidade. Turistas dividem as ruas com moradores, os cafés estão cheios e há pessoas à espera do transporte público com sacos de compras. Este é uma manhã normal, à exceção do reforço de policiamento na zona do Bonfim.

"Desde a primeira quinzena do mês anterior [maio, quando a casa de cinco imigrantes foi invadida e estes agredidos] que a Polícia de Segurança Pública definiu e estabeleceu um policiamento de visibilidade específico para a zona do Campo 24 de Agosto através da esquadra da área (3.º Esquadra – Heroísmo) com o apoio de várias valências que compõe a PSP", explica fonte oficial da PSP ao DN.

Como resultado desse policiamento visível, a polícia destaca já ter diminuído "as queixas dos cidadãos que residem e trabalham naquela zona". No entanto, o tema da insegurança continua presente nas conversas dos moradores.

O DN ouviu vários empresários, trabalhadores e residentes da zona. Os relatos vão no sentido de que os portugueses estão com medo dos imigrantes e os imigrantes estão com medo dos portugueses. A Associação Comercial do Porto (ACP) escreveu uma carta à ministra da Administração Interna, Margarida Blasco, em que alerta para a "preocupação com a crescente vaga de insegurança existente na cidade do Porto", de acordo com notícia da Agência Lusa. Os exemplos citados pela ACP vão desde "casos de tráfico e consumo de droga, confrontos como o do ataque a imigrantes no Campo 24 de Agosto no dia 4 de maio, furtos a carros e lojas, ruído e desordem em zonas de diversão noturna ou aumento dos sem-abrigo, que têm a mendicidade como último recurso de sobrevivência".

Na semana passada, dois cidadãos indianos foram agredidos na Rua da Alegria, cerca de um mês depois de cinco imigrantes terem a casa invadida por três portugueses e serem espancados. Ao DN, a PSP do Porto explica que, neste momento, decorre a investigação no sentido de apurar a identificação dos suspeitos. Foram realizadas diligências "com vista à preservação de prova".

"Policiamento de visibilidade" foi reforçado na zona do Bonfim.

AMANDA LIMA / DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Até agora, a investigação indica que não há indícios de que os dois crimes que vitimaram imigrantes estejam interligados. Muitos moradores ouvidos pelo DN afirmaram que, nos últimos meses, o sentimento de insegurança aumentou, apesar de os dados oficiais da PSP apontarem o contrário. "Em termos homólogos, a criminalidade violenta e grave participada à 1.ª Divisão do Cometpor da PSP manteve-se estável, com 214 crimes reportados, com especial incidência nos roubos a pessoas na via pública, com ou sem recurso a arma, e roubos a estabelecimentos comerciais." O período referido é de 1 de janeiro até 5 de junho.

Ao mesmo tempo, a PSP já prendeu, nos primeiros seis meses deste ano, 17 pessoas estrangeiras por crimes contra o património. As nacionalidades não foram informadas pela fonte oficial, que apenas aponta para "várias nacionalidades". Os detidos estrangeiros correspondem a cerca de metade do total de presos por crimes contra o património no mesmo período, de janeiro a junho.

"São todos uns ladrõezinhos, mas eu nunca vi nada"

O taxista Alberto Oliveira trabalha há 45 anos na zona. Diz que, depois do policiamento visível, "a situação melhorou um pouco". A apontar para três imigrantes estafetas sentados em frente a um supermercado, afirma que "são todos uns ladrõezinhos", mas que "nunca viu nada", apenas "ouve-se falar".

> *"Em termos homólogos, a criminalidade violenta e grave participada à 1.ª Divisão do Cometpor da PSP manteve-se estável."*

Uma moradora da zona, que pediu para não ser identificada, pensa o contrário do taxista. "A maioria trabalha, não incomodam ninguém esses coitados", cita. A senhora, residente no Bonfim há mais de 50 anos, destaca que "não se sente insegura".

Um condutor TVDE culpa a polarização pelo clima que sente no Porto. "Por vezes vejo-me a olhar para os imigrantes de forma diferente, mas eu não sou assim, nem quero ser assim, aqui no Porto não somos assim", explica. "Os imigrantes são importantes para o país, mas há muita polarização política, as tais organizações antirracistas mais atrapalham do que ajudam, porque promovem a divisão", complementa.

Entre os imigrantes, é mais difícil ainda que conversem com a imprensa. Um deles, relata que "sente medo" desde que as agressões contra imigrantes começaram. De nacionalidade indiana, trabalha na restauração, junto com outros estrangeiros, a maior parte brasileiros. "Gosto muito daqui e não quero ir embora", adiantando que "possui visto" e que cumpre com todas as obrigações. Um imigrante que o acompanhava apenas relatou que sente o mesmo que o amigo. Outro estrangeiro de Bangladesh, pontua que "ouviu [falar] dos casos de agressões", mas que não sente medo. Elogia os portugueses e diz que "sempre o ajudaram". Morador no Porto há 5 anos, está a ter aulas de Português e a trabalhar na construção civil.

O tema da insegurança relacionado com a imigração dominou a campanha para o Parlamento Europeu e já havia sido destaque nas Legislativas. Na semana passada, ao lançar o novo plano para as migrações, o primeiro-ministro Luís Montenegro disse que "não há nenhuma ligação direta entre a nossa capacidade de acolher imigrantes e aumentos de índices de criminalidade". Para o líder do país, "há crimes cometidos por cidadãos portugueses e crimes cometidos por cidadãos estrangeiros", rejeitando "episódios casuísticos" que permitem a estigmatização dos estrangeiros que vivem em Portugal.

amanda.lima@globalmediagroup.pt

O TDAH atinge entre 5% a 7% das crianças em idade escolar.

Inteligência Artificial ajuda ao diagnóstico precoce de défice de atenção e hiperatividade

SAÚDE Investigadores de Málaga criaram programa informático que ajuda a detetar problema antes dos 6 anos.

Investigadores das universidades de Málaga (UMA) e Alicante (UA), em Espanha, desenvolveram uma ferramenta de Inteligência Artificial para ajudar a diagnosticar precocemente o Transtorno de Défice de Atenção e Hiperatividade (TDAH), uma condição que atinge cerca de 5% da população. Em Portugal os dados apontam para que 5% a 7% das crianças em idade escolar sofram desta perturbação.

O TDAH é um distúrbio do neurodesenvolvimento que causa uma deterioração massiva no funcionamento executivo – que é um grupo de habilidades mentais, como a memória funcional, pensamento flexível e autocontrolo – e manifesta-se em crianças pequenas com sintomas como défice de atenção ou hiperatividade e impulsividade descontrolada.

No entanto, estes sinais são muitas vezes "a ponta do icebergue" de outros sintomas mais complexos, como problemas na tomada de decisões, no planeamento, na organização, na retenção de informações importantes ou dificuldades na regulação das emoções e da motivação, explicaram à EFE os professores da Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia da Universidade de Málaga Rocío Juárez e Rocío Lavigne, que realizaram este trabalho em conjunto com os investigadores Ignasi Navarro e Juan Ramón Rico, da Universidade de Alicante.

Uma avaliação precoce do TDAH é crucial para o tratamento eficaz das pessoas afetadas, mas é um processo "longo e complicado" que requer a intervenção de profissionais de diferentes disciplinas, como neuropediatras, psiquiatras infantis, psicólogos ou psicopedagogos, e o envolvimento de familiares, professores e outros "observadores" próximos da criança.

Segundo os professores da UMA, é difícil fazer um diagnóstico completo do TDAH antes dos 6 anos: daí a ideia de desenhar um instrumento que possa ajudar os especialistas a detetar esta condição o mais rapidamente possível.

Investigadores da UMA e da UA criaram um programa informático no qual introduziram os parâmetros de 694 crianças dos 6 aos 12 anos diagnosticadas com TDAH na última década em Espanha.

Quando novos dados de pacientes são inseridos no *software*, este analisa as variáveis já incorporadas, procura padrões comuns e estabelece um possível diagnóstico.

"O nosso modelo de aprendizagem da máquina previu habilmente diagnósticos de TDAH em 90% dos casos e há potencial para melhorar ainda mais com a expansão de nosso banco de dados", apontam os responsáveis pela investigação num artigo científico publicado pela *National Library of Medicine*.

Rocío Lavigne referiu que a ideia é aumentar esta amostra com até 1500 ou 2000 sujeitos em Espanha e até incorporar casos no estrangeiro para estender o projeto a outros países europeus.

A ferramenta é, atualmente, um teste-piloto que deve ser aperfeiçoado "para torná-la ainda mais inteligente e prever melhor". Além disso, deve ser validado antes de poder ser utilizado por profissionais médicos, psicológicos ou educacionais, e este é um processo que pode exigir mais alguns anos de trabalho.

DN/LUSA

Opinião
Paulo Guinote

Calendários escolares

Encontra-se em discussão pública uma proposta de calendário escolar para o quadriénio de 2024-25 a 2027-28. Coisa desnecessariamente ambiciosa, a dar a entender que é para uma legislatura, se pensarmos em tudo o que pode acontecer de inesperado em quatro anos. Nem precisamos recuar muito para perceber isso. O documento, em si, não tem grandes novidades, retomando outros anteriores, e até é bastante esquelético, porque se limita a marcar datas de início e fim de períodos, pausas lectivas e pouco mais. Por exemplo, não refere quais as datas previstas para a realização de provas de aferição e provas finais do Ensino Básico ou mesmo dos exames do Ensino Secundário, pelo que nem se percebe bem o que está verdadeiramente em discussão.

Ora, seria importante que, por uma vez, fossemos além da rotina e se pensasse que o trabalho escolar não se deve debater apenas em torno da opção entre períodos mais ou menos trimestrais ou semestres inovadores. Há que ter em conta tudo o que se vai conhecendo sobre os modelos e ritmos de aprendizagem e trabalho dos alunos, que não se compadecem com horários religiosos, determinismos ideológicos ou conveniências dos adultos. Pelo que tanto o horário semanal como o calendário anual das actividades lectivas poderiam incorporar alguns dos contributos mais recentes das Ciências do Comportamento e Cognição ou mesmo das Neurociências.

Quando assisto a decisões tomadas na base do "parece-me que" ou, muito pior, alegando o "interesse dos alunos" tendo a questionar qual a base empírica ou científica dessas decisões. Seja quando se decide condensar o dia de trabalho dos alunos, sem pausas para "respirar", seja quando se organiza um ano lectivo de um modo que não tem qualquer suporte no que a investigação nos diz sobre a forma como as aprendizagens se processam, de acordo com cada faixa etária, e como é possível atrair a "atenção" dos alunos em tempos digitais.

Porque, ao contrário do que por vezes se afirma sem qualquer sustentação, os suportes digitais não aumentaram a capacidade de aprendizagem ou concentração num determinado conteúdo ou actividade.

Num episódio do *podcast Speaking of Psychology*, da American Psychological Association, Gloria Mark, especialista no impacto dos meios digitais na vida quotidiana e professora da Universidade da Califórnia, deu a conhecer um estudo sobre a capacidade de concentração/atenção, que decorreu durante cerca de duas décadas e documentou como essa capacidade se foi reduzindo, em especial quando está em causa o uso de ecrãs. Em 2004 era, em média, de dois minutos e meio, mas em 2012 era já apenas de 75 segundos e nos últimos anos desceu para 47 segundos.

> **(...) Seria importante que, por uma vez, fossemos além da rotina e se pensasse que o trabalho escolar não se deve debater apenas em torno da opção entre períodos mais ou menos trimestrais ou semestres inovadores."**

Num outro artigo (Jennifer Oaten, *Combating the Attention Span Crisis in Our Students*, *online* desde 26 de Abril de 2024) é apresentado um conjunto de considerações interessantes para quem planifica um ano escolar ou um horário semanal:

"Em primeiro lugar, a incapacidade de se concentrarem durante períodos prolongados torna incrivelmente difícil para os alunos envolverem-se profundamente com o conteúdo académico. Quer seja acompanhando uma exposição, fazendo leituras complexas ou trabalhando em problemas desafiantes, a constante mudança e fragmentação mental corrói a capacidade de aprendizagem profunda e significativa. Os estudos mostram que os alunos com períodos de atenção mais curtos tendem a ter pior desempenho nos testes, dificuldade em reter informações a longo prazo e mais dificuldade em ligar ideias díspares numa compreensão coerente. Isso tem um impacto negativo não apenas nas suas notas, mas também na sua real compreensão do assunto estudado."

Uma das recomendações perante este cenário é a de permitir a existência de pausas ou *brain brakes*, pois assim é possível recuperar energia, capacidade de trabalho e ser mais produtivo. Porque reduz a fadiga e aumenta o bem-estar. No fundo, parar para conseguir fazer melhor. Qualidade em vez de quantidade. Infelizmente, nada disto é tido em conta quando se definem calendários ou horários escolares com outro tipo de prioridades.

Professor do Ensino Básico. Escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico.

Fim da Manifestação de Interesse. E agora?

INCERTEZA Medida pegou de surpresa quem já está morando em Portugal e ainda não tinha dado entrada na famosa MI. Há opções.

TEXTO **AMANDA LIMA**

"Estou em Portugal, já tenho NIF, NISS e estou trabalhando, mas não dei entrada na Manifestação de Interesse." Esse é um dos vários relatos recebidos pelo *DN Brasil* nos últimos dias, após o fim da possibilidade de ingressar com novos pedidos de Manifestação de Interesse. A medida, que entrou em vigor poucas horas após o anúncio, pegou de surpresa muitos imigrantes, sobretudo brasileiros, que usariam o mecanismo para obter uma Autorização de Residência (AR) em Portugal. Nos últimos anos, a famosa "MI" se tornou o principal meio de regularização no país.

Segundo a advogada e professora Emelin de Oliveira, esse caminho se tornou tão popular que "dava quase a sensação de que era a única via que as pessoas tinham para regularizar a sua situação administrativa". No entanto, existem outras opções, mesmo para quem já está em Portugal.

De acordo com Emilin, brasileira que é coordenadora da Pós-Graduação em Direito dos Estrangeiros e da Nacionalidade e com longa experiência na área de imigração e asilo, o artigo 122.º da Lei dos Estrangeiros pode ser uma saída legal. É a "Autorização de Residência em situações especiais". Alguns dos exemplos concretos

previstos em lei são os estrangeiros com filhos menores em Portugal, dos quais sejam responsáveis. Outro exemplo é para quem sofre de uma doença que necessite de tratamento médico e não possa retornar ao país de origem.

A pesquisadora cita também o artigo 123.º da mesma lei, intitulado "Regime excecional". Emelin relembra que, antes de 2017, quando foi criada a Manifestação de Interesse, o artigo já era bastante utilizado. Conforme Emelin, o princípio do 123.º é amplo. "Devem ter por base razões de interesse nacional, razões humanitárias, ou razões de interesse público decorrentes do exercício de uma atividade relevante no domínio científico, cultural, esportivo, econômico ou social", explica.

Um decreto regulamentar, isto é, uma publicação que detalha uma lei, prevê outra situação que pode beneficiar quem já está trabalhando em Portugal e ainda não deu entrada na Manifestação de Interesse. Podem ser "ponderadas as circunstâncias concretas do caso, como razões humanitárias a inserção no mercado laboral por um período superior a um ano", destaca o documento número 84/2007 de 5 de novembro.

No entanto, estar trabalhando em Portugal há mais de um ano não é a única regra. A especialista alerta que, diferente das manifestações de interesse, "não há um direito à autorização de residência". Na prática, significa que cada caso será analisado e decidido por um membro do Governo.

Sobre o visto CPLP para quem já está no país, ainda não há previsão para que entrem em vigor, nem quais serão os requisitos exigidos.

Conseguir um agendamento, o desafio

Como comprova Emelin de Oliveira, soluções dentro da legislação existem. O desafio pode ser conseguir um agendamento na Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA) para realizar o pedido. As opções de marcações disponíveis são o telefone e *e-mail*. No entanto, a própria AIMA reconhece que não consegue dar conta de atender a todos os pedidos. Reclamações de imigrantes que não conseguem contato com a agência são comuns. Há quem tente ir presencialmente aos balcões da AIMA espalhados pelo país. No entanto, fora os agendamentos já marcados, são escassas as vagas para outros atendimentos.

No Porto, por exemplo, há quem chegue ainda na madrugada para tentar ser atendido. Há um papel na porta que destaca a "limitação" no número de senhas disponíveis por conta da "forte procura". Está prevista a criação de um portal *online* para pedido dos vistos, mas sem previsão de estar em vigor.

Segundo a jurista, outra possibilidade é recorrer aos Tribunais Administrativos – que já está com 4000 processos para serem decididos.

Quem está no Brasil

"Vendi tudo, estou de malas prontas e passagem comprada para Portugal." Este também é um dos muitos relatos recebidos pelo DN Brasil após o anúncio do fim da Manifestação de Interesse. Nestes casos, existem muitas opções disponíveis.

Apesar de a MI ter se tornado a regra da imigração, especialmente para brasileiros, os vistos no país de origem sempre existiram. O pacote apresentado na semana passada não possui nenhuma alteração nos tipos de vistos já existentes. Aliás, é esta a forma de imigração que o atual Governo quer promover: com visto, que é solicitado antes da viagem.

O pedido precisa ser feito nos consulados portugueses. No Brasil, são 11 postos, sendo o país com maior número de locais de atendimento. O Governo português atua em parceria com uma empresa privada, a VFS Global, que também recebe os pedidos.

Um dos vistos mais buscados por brasileiros é o de "procura de trabalho". Criado em 2022, tem o objetivo de suprir a falta de mão-de-obra em setores chaves do país, especialmente na área do turismo. Com esse visto, o cidadão tem autorização para entrar em Portugal e procurar um trabalho com contrato (recibos verdes não são válidos neste caso).

O prazo para assinar o contrato é de 120 dias, sendo possível prorrogar por mais 60 dias. Se ao fim deste período o imigrante não conseguir um emprego com contrato, precisa obrigatoriamente deixar o território. Um dos requisitos é ter o valor de 2460 euros (cerca de 12,3 mil reais) para aprovação.

Há também o próprio visto de trabalho, um dos mais antigos da lei. É destinado aos que já possuem um contrato de trabalho em Portugal.

As demais opções podem ser encontradas em *www.dnbrasil.dn.pt.*

ANDRÉ ROLO / GLOBAL IMAGENS

Opções existem, o desafio é conseguir uma vaga de atendimento na AIMA.

O DN BRASIL é escrito em português do Brasil

APOIO GRATUITO

Confira algumas associações

Casa do Brasil
O apoio jurídico é um dos muitos serviços que dispõe aos imigrantes em Lisboa.
Telefone: 935 141 813
Endereço: R. Luz Soriano 42.

Associação Lusofonia, Cultura e Cidadania (ALCC)
Também localizada em Lisboa, presta apoio jurídico e outros serviços.
Telefone: 968 800346
Endereço: Rua Varela Silva, Lote 13 – Loja B

Mafra
Um protocolo recém-assinado entre a Câmara Municipal e a Ordem dos Advogados permite assistência jurídica gratuita.
Telefone: 300 003 990
Endereço: Av. 25 de Abril 5.

Associação Seiva, no Porto
É possível marcar atendimento jurídico através do *site* da associação.
Telefone: 911 009 699
Endereço: Rua de Vilar, n.º 130

Associação UAI, em Braga
A UAI é a maior associação de imigrantes de Braga, com equipes de voluntários que atuam na área jurídica.
Telefone: 253 257 364
Endereço: R. de Caires 328

CNAIMs e CLAIMs
São centros de apoio aos imigrantes, divididos entre nacionais e locais, dependendo da capacidade de atendimento. São mais de 150 em todo o país, que prestam informações e apoio de forma gratuita. Cada centro possui um método de agendamento, que varia conforme a cidade em que está localizado. Municípios de norte a sul do país também possuem gabinetes próprios de apoio aos imigrantes residentes.

DN BRASIL
É um suplemento do DN que circula todas as primeiras segundas de cada mês, um *site* com atualização diárias e páginas de atualidade no DN, sempre escrito em português do Brasil.

Verba insuficiente ameaça rede de arbitragem de consumo

RECLAMAÇÃO Presidente do CNIACC apela ao Governo para que faça um reforço orçamental, alertando que o atual financiamento dos sete centros de arbitragem de consumo existentes no país fica aquém do necessário para cobrir custos operacionais.

TEXTO **MARIANA COELHO DIAS**

GUSTAVO BOM / GLOBAL IMAGENS

O montante atribuído à rede está entre 160 e 170 mil euros, quando os custos operacionais rondaram 1,5 milhões de euros em 2023.

O presidente do Centro Nacional de Informação e Arbitragem de Conflitos de Consumo (CNIACC) alertou, em entrevista ao DN/Dinheiro Vivo, para o facto de o financiamento inadequado estar a pôr em risco a sustentabilidade da rede de Centros de Arbitragem de Consumo. É neste sentido que Fernando Viana apela ao Governo para, em vez de unir esforços para aumentar o número de entidades que compõem este sistema, reconsidere as verbas que lhe são adjudicadas anualmente.

Tais declarações surgem após o Executivo liderado por Luís Montenegro ter estabelecido como ponto de trabalho no seu programa "criar condições para o alargamento e modernização da rede de Centros de Arbitragem de Consumo, designadamente no que concerne à sua presença territorial e através da criação de uma plataforma digital para resolução alternativa de litígios". Esta rede, note-se, presta-se a resolver conflitos entre consumidores e empresas, por meio da mediação e da arbitragem, a um custo reduzido.

Atualmente, existem sete centros desta natureza em Portugal, sendo que um – o CNIACC – funciona supletivamente em todo o território. Os recursos financeiros que asseguram este serviço público incluem uma componente fixa, atribuída pelo Estado, através da Direção-Geral da Política de Justiça, e outra variável, à responsabilidade das entidades reguladoras dos serviços públicos essenciais, entre as quais a ANACOM (comunicações), AMT (transportes), ERSE (energia) e ERSAR (água).

"O financiamento do sistema, que é crucial para o seu bom funcionamento, é um dos problemas mais prementes que temos", enfatiza o também presidente do Tribunal Arbitral de Consumo (CIAB). O montante adstrito à rede situa-se hoje entre os 160 e os 170 mil euros, distribuídos em partes iguais pelos centros, independentemente dos seus volumes processuais. Uma quantia que Fernando Viana classifica "ridiculamente baixa" e "insuficiente" para cobrir os custos operacionais, que rondaram 1,5 milhões de euros no ano passado.

> Depois dos serviços públicos essenciais, a área de "maior conflitualidade" é a que se prende com a compra e venda de bens de consumo, designadamente questões em torno das garantias, seguida pelos seguros, banca e comércio eletrónico.

Agravando a situação, os processos relacionados com os serviços públicos essenciais, "que são os que financiam a atividade", têm vindo a estabilizar, enquanto outros, como, por exemplo, os associados a garantias, seguros, banca, contratos de empreitada e comércio eletrónico têm vindo a aumentar, sem que haja qualquer mexida na subvenção.

"Imagine-se que dão entrada mil processos. Destes, recebemos financiamento apenas para 500", atira o responsável, ilustrando o desequilíbrio.

Fernando Viana explica que o Centro Nacional, em específico, enfrenta desafios únicos devido à sua ampla área de cobertura, abrangendo mais de 200 municípios, e à falta de financiamento autárquico (verba última que beneficiou outros pares, cuja competência territorial é delimitada). O assunto, afirma o responsável, já estava na mesa do anterior secretário de Estado da Justiça, tendo sido inclusive estudado e proposto um modelo para resolver a questão. "Com a queda do Governo, ficou em *stand-by*."

Assim, "o que se pede ao novo Executivo é que retome o dossiê" e implemente as soluções necessárias para garantir o funcionamento adequado e contínuo da rede de arbitragem de consumo. E a solução, defende o presidente do CNIACC, não passa pelo alargamento, mas sim, pelo reforço do seu financiamento e competências: "Se o fizerem [criação de mais entidades], teremos mais por quem dividir as verbas. Penso que é preferível analisar a rede que existe, as virtualidades que ela tem e ponderar as competências que ainda pode exercer."

Apesar do "grave problema financeiro", a rede de arbitragem nacional recebeu aproximadamente nove mil processos em 2023, tendo sido o Centro de Lisboa (CACCL) responsável por 1984 e o CNIACC por 1132.

Fernando Viana adianta também que as sete instituições conseguiram arquivar um total de 9217 processos, o que significa que "o número de casos fechados foi superior aos que deram entrada". Ora, destes arquivados, 7599 foram resolvidos – isto é, arquivados por mediação com acordo, conciliação ou sentença –, resultando numa taxa de resolução de 82%.

Os serviços públicos essenciais, mais concretamente, continuaram a ter um peso relevante neste volume, dando entrada no sistema 3846 processos, arquivados 3912 e resolvidos 3441, o que dá uma percentagem de resolução de 88%. Depois destes, a área de "maior conflitualidade" identificada pelo presidente do CNIACC é a que se prende com a compra e venda de bens de consumo, designadamente questões em torno das garantias, seguida pelos seguros, banca e comércio eletrónico.

A esmagadora maioria dos processos que deram entrada no exercício anterior "foram resolvidos no mesmo ano", com todos os centros a registarem um prazo médio abaixo dos 90 dias estipulado por lei, destaca o responsável, acrescentando que, "em termos de resolução processual, não há muitos serviços na área da Justiça, ou até nenhum, que tenha os resultados que esta rede tem".

mariana.dias@dinheirovivo.pt

Modi e 71 ministros tomam posse

Ao lado da presidente da Índia, Droupadi Murmu, Narendra Modi tomou posse como primeiro--ministro para um terceiro mandato, igualando Jawaharlal Nehru. A cerimónia, presenciada por líderes do Bangladesh, Sri Lanka, Nepal, Butão e Maldivas, e também por estrelas de *Bollywood*, decorreu no Palácio Presidencial, em Nova Deli. Além de Modi, de 73 anos, juraram cumprir a Constituição 71 ministros, 39 dos quais transitam de anteriores Executivos. Além disso, 11 ministros provêm de formações aliadas, face aos resultados das maiores eleições do mundo, as quais ditaram a perda da maioria do *BJP*, o partido nacionalista hindu de Modi. No entanto, durante a cerimónia desconhecia-se quem iria ocupar quais postos, sendo apenas público que os pequenos partidos tentam obter ministérios mais importantes, mas que Modi não abrirá mão dos mesmos.

MONEY SHARMA / AFP

Gantz abandona Governo de emergência e pede eleições

ISRAEL Ao comunicar a saída, o popular general instou o ministro da Defesa a seguir o mesmo caminho. Netanyahu tem posto de parte decisões estratégicas por cálculo político, acusa.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Benny Gantz cancelou a conferência de imprensa marcada para sábado devido à operação de resgate de reféns que decorreu no mesmo dia, só para acabar por realizá-la na noite de domingo e anunciar o que o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu temia: a sua demissão do Governo de emergência e o pedido de eleições antecipadas.

"Netanyahu está a impedir-nos de avançar para uma verdadeira vitória. Por esta razão, deixamos hoje o Governo de emergência, com o coração pesado, mas de todo o coração", afirmou o centrista Gantz. Para o antigo general a "verdadeira vitória" significa o regresso dos reféns, a substituição do Hamas na governação da Faixa de Gaza e a criação de uma aliança regional contra o Irão.

Apesar de saber "que se tratava de um mau Governo", o líder do partido Unidade Nacional explicou ter aderido à coligação na sequência dos ataques terroristas de 7 de outubro a bem do país. Mas, lamenta que desde então as decisões estratégicas foram postas de parte devido a cálculos políticos e apenas se sucedem "promessas vãs".

Em contraste, Gantz deixou palavras elogiosas para com o ministro da Defesa, Yoav Gallant, "um líder corajoso e determinado e, acima de tudo, um patriota numa altura em que a liderança e a coragem não são apenas dizer o que está certo, mas fazer o que está certo". Como tal pediu-lhe, bem como aos deputados do *Knesset*, para "obedecerem ao comando da consciência" e seguirem-no.

A saída do seu partido não deixa a coligação do *Likud* com os partidos de extrema-direita e ultraortodoxos em minoria: têm 64 lugares em 120 do Parlamento.

> Para "não deixar o povo dividido", Benny Gantz voltou a pedir para Benjamin Netanyahu marcar eleições antecipadas no outono.

Para "não deixar o povo dividido", Benny Gantz – que pediu perdão às famílias dos reféns pela sua quota--parte de responsabilidade em não ter conseguido libertar os 120 reféns – deixou um apelo a Netanyahu: "Para garantir uma verdadeira vitória, é conveniente que no outono, um ano após a catástrofe, se realizem eleições que, por fim, estabeleçam um Governo que ganhe a confiança do povo e seja capaz de enfrentar os desafios."

Netanyahu respondeu na hora, através do X, tendo apelado para que Gantz reconsidere. "Israel está numa guerra existencial em várias frentes. Benny, este não é o momento de abandonar a campanha, este é o momento de unir forças", escreveu. Além disso, o primeiro--ministro disse ter a porta aberta a qualquer partido sionista disposto a "partilhar o fardo".

Já o líder da oposição saudou Gantz. "A decisão de abandonar o Governo é justificada e importante", considerou Yair Lapid num comunicado. "É tempo de substituir este Governo extremista e falhado por um Governo que restabeleça a segurança do povo de Israel, traga os reféns para casa, reconstrua a economia e recupere a posição internacional de Israel."

À extrema-direita, o ministro da Segurança Nacional Itamar Ben--Gvir pediu a Netanyahu para que o lugar vago no Gabinete de Guerra até agora formado por Netanyahu, Gallant e Gantz seja ocupado pelo próprio. "É altura de tomar decisões corajosas", disse Ben-Gvir numa carta enviada ao primeiro-ministro. No entanto, segundo o *Haaretz*, Netanyahu está a ponderar acabar com o Gabinete de Guerra.

O dia ficou ainda marcado por outra demissão, a do comandante da 143.ª Divisão do Exército israelita. Na sua carta de demissão, o brigadeiro-general Avi Rosenfeld afirma ter falhado na missão de proteger as populações do sul de Israel no dia 7 de outubro. Em abril, o chefe dos Serviços de Informações Militares Aharon Haliva, foi o primeiro a demitir-se pelo mesmo motivo.

Um dia depois da operação de libertação de quatro reféns, o Hamas – que contou 274 mortos e 700 feridos – publicou um vídeo no qual diz mostrar três cativos que teriam sido mortos pelo Exército israelita.

cesar.avo@dn.pt

Péter Sztáray "Precisamos de algum tipo de arquitetura europeia, depois da guerra, que inclua a Rússia. Seja no âmbito da OSCE ou sob outro formato"

HUNGRIA Em Lisboa para o Estoril Political Forum onde participou num painel sobre '25 anos da NATO na Europa Central – o que se segue?', o secretário de Estado para as Políticas de Segurança e Segurança Energética da Hungria sublinha a importância de a UE colocar "recursos necessários na nossa defesa coletiva". Ao DN, Péter Sztáray falou do impacto da guerra na Ucrânia, da relação com Moscovo, do alargamento europeu e das prioridades da futura presidência húngara da UE.

ENTREVISTA **HELENA TECEDEIRO**

Esteve em Lisboa para falar dos 25 anos da adesão da Hungria à NATO. Na altura, em 1999, a entrada da Hungria, bem como da Polónia e República Checa, foi decisiva no rumo destes países de aproximação ao Ocidente, após décadas de comunismo?
Imediatamente após a mudança de sistema e a formação do novo Governo, em 1990, estabelecemos as novas prioridades da política externa e a estratégia passava por integrarmos a União Europeia e a NATO enquanto país livre e enquanto nova democracia. Para entrar na NATO, demorámos nove anos, o que, em termos históricos, não é um período assim tão longo. Para entrar na UE demorou um pouco mais, porque é mais complexo atingir as condições e mudar o sistema legal, etc. Mas julgo que fomos muito bem-sucedidos, porque estivemos na primeira ronda de alargamento da NATO e estivemos na primeira ronda de alargamento da UE.
Na altura foi importante para o Governo húngaro seguir este rumo?
Definitivamente, e houve um grande apoio político – não só os partidos do Governo, mas tanto à direita, como à esquerda os partidos *mainstream* estavam convencidos de que era o caminho certo para a Hungria.
Há uns anos a NATO era considerada obsoleta, ou mesmo morta, para alguns líderes...
Estava em "morte cerebral", segundo o presidente Macron…
Sim, em "morte cerebral" para Macron, "morta" para Trump. Mas a guerra na Ucrânia parece ter vindo dar-lhe uma nova vida.
Eu não acho que a NATO estivesse morta, mesmo naquela altura. A NATO é uma aliança defensiva bem-sucedida. É uma organização política e militar e todos os seus membros estão muito empenhados na nossa defesa coletiva, com o artigo 5.º do *Tratado de Washington*. O que é verdade é que, após as várias vagas de alargamentos, a NATO não fez o trabalho de casa como deve ser porque não estendeu a sua presença militar e a sua infraestrutura aos novos membros. E isso foi um erro, mas talvez tenha sido um dividendo da paz na altura. Claro que quando a situação ficou mais complexa e a Crimeia foi ilegalmente anexada pela Rússia, a NATO acordou e começou a estender a sua presença, por um lado e, por outro, cada Estado-membro começou a aumentar o seu orçamento militar. Há 10 anos fizemos uma promessa, na Cimeira de Gales, de que, em 2024, cada Estado-membro teria atingido os 2% do PIB em despesa militar. Agora estamos em 2024 e só 21 países atingiram essa fasquia, incluindo a Hungria, 11 países estão atrasados. Mas acredito que irão honrar o compromisso, porque é muito importante que também a Europa coloque os recursos necessários na nossa defesa coletiva. É importante tornarmos o nosso contributo credível perante os americanos, porque precisamos da presença americana para a defesa da Europa. Se quisermos manter uma postura de dissuasão credível, então temos de fornecer os recursos necessários. E é o que está a acontecer agora.

"[Na Hungria] somos pró-UE. O Governo também é pró-UE. Queremos ter uma UE que seja racional nas suas decisões e leve em conta os interesses nacionais de cada Estado-membro. Isto é muito importante. Porque vemos uma tendência para as instituições tentarem estender a sua autoridade sem terem acordo para tal."

Falou dos EUA, não sabemos o que vai acontecer nas presidenciais de novembro, mas é provável que a América passe a ter um líder que já deixou claro que não está disposto a defender os europeus através da NATO. Isso torna ainda mais importante para os países da UE aumentarem os seus orçamentos da Defesa?
Se se refere a declarações do ex-presidente Trump, por um lado, não sabemos qual vai ser o resultado das eleições, mas se for Trump a ganhar de novo, acho que a sua mensagem é muito clara: ele quer que a Europa forneça mais recursos, porque dependemos uns dos outros quando construímos a nossa Defesa e Segurança. E é verdade que no passado a própria Hungria não forneceu recursos suficientes. Mas há oito anos iniciámos um programa completo de modernização das nossas Forças Armadas e conseguimos chegar aos 2%.
Elogiou a NATO, mas o primeiro-ministro Viktor Orbán não lhe tem poupado críticas. Ainda há dias acusou a Aliança de estar "a aproximar-nos da guerra a cada dia que passa". Estava, claro, a falar da Ucrânia e do apoio da NATO a Kiev. Como é que a Hungria vê esse apoio e os seus limites?
A nossa posição é que a NATO tem de se reforçar. Não devia dar à Ucrânia todo o equipamento militar e munições enfraquecendo, dessa forma, a credibilidade do artigo 5.º. Este seria o interesse comum número um na NATO. A Aliança devia manter-se fora do conflito e não ser arrastada institucionalmente para ele. Eu sempre disse que nos últimos dois anos tivemos um consenso muito bom sobre isso na NATO, até abril deste ano, quando houve uma reunião do Ministério dos Negócios Estrangeiros e foi tomada a decisão de que a NATO deveria assumir um papel de coordenação na área do fornecimento de armas e treino. A Hungria opõe-se a essa decisão porque isso traz pressão sobre a NATO para a guerra na Ucrânia e aumenta a probabilidade de uma escalada do conflito que queremos evitar a todo o custo. Não é contra a NATO. Cabe à NATO tomar decisões racionais nesta situação muito volátil e sensível. Decisões baseadas nos interesses de cada Estado-membro. Para manter a nossa Aliança como tal. Porque tínhamos uma boa solução: os Estados-membros que queriam dar armas à Ucrânia, nos últimos dois anos podiam fazê-lo individualmente. Os que queriam treinar as forças ucranianas podiam fazê-lo. Só não o faziam através da NATO.
Mais de dois anos depois da invasão da Ucrânia pela Rússia, como é que a guerra afeta a segurança da Hungria?
Somos um país vizinho e temos uma longa história com a Ucrânia. Temos uma significativa comunidade minoritária húngara na Ucrânia. E, infelizmente, nos últimos oito a 10 anos os ucranianos introduziram sistematicamente legislação que reduz os direitos da minoria húngara, mas também de outras minorias, na área da Educação, no uso da língua, na vida política, cultural, etc. E nós achamos que, se um país quer tornar-se membro da UE e da NATO, esta não é a política correta a ter. Temos falado com eles, temos negociações a decorrer acerca disto, mas até agora com sucesso limitado. E, por outro lado, a guerra teve um impacto muito negativo na Hungria e noutros países da região, tanto em termos de segurança, claro, como na economia e segurança energética, na segurança do abastecimento. Por tudo isto, aconteça o que acontecer, não aceitamos a agressão russa. Mas também acreditamos que estamos agora numa situação em que algum tipo de conversação deveria começar, porque com o passar do tempo a situação só vai piorando. Mais cem mil pessoas vão morrer. Muitas infraestruturas e residências vão ser destruídas. A guerra arrasta-se e não estamos mais perto de uma solução. Portanto, o que defendemos é que, com a ajuda de outras potências –

Péter Sztáray fotografado no jardim da Embaixada da Hungria, em Lisboa.

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

seria evidentemente demasiado ambicioso por parte da Hungria resolver este conflito. Não estamos em posição de colocar um plano de paz sobre a mesa –, mas estamos em posição de levantar a nossa voz para o início imediato das conversações com a ajuda de outros e para que as partes se sentem, cheguem a um cessar-fogo e depois comecem a elaborar um acordo de paz. Porque o que está a acontecer agora é muito mau para todos.

Consegue imaginar russos e ucranianos a sentar-se para negociarem, neste momento? Há uma conferência de paz na Suíça no dia 15, mas a Rússia nem estará presente...

Haverá uma Conferência de Paz na Suíça, mas a Rússia e a China não estarão sentadas à mesa. Portanto, não creio que esta seja a solução. Sem a presença de todas as partes que têm um papel importante, não é possível aproximar-se da paz. E a Hungria quer a paz e evitar uma escalada.

A Hungria condenou a invasão russa da Ucrânia, mas ao mesmo tempo mantém relações de proximidade com a Rússia e tem sido muito criticada por isso. Ao mesmo tempo, a Hungria depende do gás russo para a sua segurança energética, é uma situação delicada que a UE não compreende?

Eu diria que ou não entende ou não quer entender, por várias razões, mas não vou entrar em pormenores. É uma interpretação dizer que a Hungria está assim tão próxima da Rússia. O que fazemos é, não concordamos em fechar todos os canais, porque é preciso manter algum tipo de comunicação com a Rússia, que é uma grande potência, um país enorme, um membro permanente do Conselho de Segurança da ONU e uma potência nuclear. A Rússia vai continuar na nossa vizinhança, portanto temos de ser realistas. Porque, independentemente do que fizermos, as políticas da Rússia e a própria Rússia afetarão a nossa segurança. Portanto, precisamos de algum tipo de arquitetura europeia, depois da guerra, que inclua a Rússia. Quer seja no âmbito da OSCE, a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa, onde todos são Estados-membros, quer seja sob outro formato qualquer. Mas fechar todos os canais é perigoso e não ajuda à estabilidade a longo prazo. E há ainda a questão da energia. Temos feito muito para diversificar as nossas fontes de energia, mas temos um legado de um elevado grau de abastecimento russo em petróleo, gás e combustível nuclear. Não pensamos que sancionar tudo seja a forma correta de agir. E é mau também para a economia. As sanções estão a prejudicar mais as nossas economias do que a economia russa, e a Rússia não vai mudar a sua posição por causa das sanções. Nesse sentido, temos de ser realistas e tentar ter alguns canais abertos para manter algum nível de cooperação, porque é preciso pensar no pós-guerra.

Celebrámos há pouco os 20 anos do maior alargamento da UE, a dez países incluindo a Hungria. Apesar de todas as tensões com Bruxelas, o povo ucraniano é muito pró-UE. Quando olham para as suas vidas, os húngaros conseguem ver as vantagens que estas duas últimas décadas trouxeram?

Sim, somos pró-UE. O Governo também é pró-UE. Queremos ter uma UE que seja racional nas suas decisões e leve em conta os interesses nacionais de cada Estado-membro. Isto é muito importante. Porque vemos uma tendência para as instituições tentarem estender a sua autoridade sem terem acordo para tal. Vemos a pressão que fazem sobre os Estados-membros para que tenham uma posição minoritária em muitos assuntos. Há pressão para passarmos de decisões tomadas por consenso para decisões tomadas por maioria qualificada. Isso enfraqueceria a integridade da UE. Nós concordamos com o presente nível de integração, mas acreditamos que uma UE forte só pode ser construída com Estados-nação fortes. É o que defendemos e o que tentamos alcançar. Mas é uma luta difícil, porque há muita pressão, especialmente sobre os países mais pequenos e sobre os que têm posições nacionais claras. Porque os países maiores querem pressionar a posição minoritária. Mas o meu Governo é suficientemente forte a nível interno para dizer não. Mantemos os nossos princípios e os nossos interesses e vamos continuar a fazê-lo no futuro. Queremos uma UE melhor, e ela pode ser muito melhor já, agora. Na agricultura, na forma como lidou com a pandemia, em muitos assuntos, ficou claro que a UE não agiu da melhor forma. E os Estados -membros ou a Comissão não deram ouvidos aos países que levantaram as vozes para dizer que as coisas podiam ser feitas de maneira diferente. Estamos a trabalhar nesse sentido e esperamos que com estas Eleições Europeias, estas vozes racionais se tornem mais fortes, tanto no Parlamento Europeu, como na futura Comissão.

O primeiro-ministro Orbán tem defendido uma aliança no Parlamento Europeu entre Giorgia Meloni e Marine le Pen. Sabemos que pertencem a grupos políticos diferentes que têm relações difíceis. Mas esta seria uma forma de conseguir essa UE mais forte que defende?

Nós achamos que estes partidos que defendem Estados-nação mais fortes e maior racionalidade deviam formar algum tipo de aliança no PE. Se se tornarem mais fortes, poderão introduzir as suas ideias e os seus interesses de forma mais eficiente.

20 anos depois do grande alargamento, a UE volta agora a discutir novos alargamentos. Como é que a Hungria vê a entrada de novos Estados-membros, dos Balcãs Ocidentais à Ucrânia?

A Hungria tem sido um dos mais ardentes defensores do alargamento aos Balcãs Ocidentais, porque consideramos que se trata de um quintal estratégico da Europa. São europeus e merecem ser membros da UE. A estabilidade e segurança na Europa dependem da situação nos Balcãs Ocidentais. A História já nos mostrou isso várias vezes no século XX e mesmo antes. Portanto, temos de apoiar essa região se estamos a falar de alargamento numa perspetiva geopolítica. Mas muitos países não nos deram ouvidos e os Balcãs Ocidentais ainda não têm uma perspetiva clara de quando irão entrar. O que é mau, porque prolonga a instabilidade na região e isso tem impacto negativo em nós também. Com o início da guerra, há mais de dois anos, muitos países quiseram logo incluir a Ucrânia, também a Moldávia e a Geórgia, no grupo dos candidatos à adesão. E a Hungria apoiou. Mas também defendemos que temos de ser equilibrados em termos de geopolítica e condicionalidade. Por isso, estamos agora a discutir o quadro de negociação, que é uma condição prévia para iniciar as verdadeiras negociações sobre a adesão com a Ucrânia, por exemplo. A Hungria defende que é preciso ter um quadro de negociações que nos dê garantias de que a Ucrânia leva a sério os direitos das minorias nacionais, que leva a sério o problema da corrupção e uma série de outras coisas. Está a ser discutido com os outros Estados-membros, mas não sei quando chegaremos a um consenso. Alguns esperam que seja ainda na presidência belga do Conselho da UE [que termina no fim de junho]. A certa altura a Ucrânia poderá continuar o processo de adesão, mas é preciso que fique claro que vai demorar muito tempo. Não só porque a Ucrânia está longe de cumprir as condições para se tornar um Estado-membro, mas também porque é um país grande, com uma agricultura forte, com um sistema complexo e que está em guerra. É preciso ter em conta como é que a UE pode absorver um país nestas condições e o que isso vai significar para os restantes Estados-membros se a Ucrânia entrar.

E para os outros candidatos, que estão à espera há anos...

E para os outros candidatos. Por isso queremos que os Estados-membros não se esqueçam dos Balcãs Ocidentais e queremos que a Ucrânia cumpra todas as condições antes de dar os passos seguintes.

A presidência húngara do Conselho da UE começa a 1 de julho, quais as prioridades e os maiores desafios?

Bem, já trabalhámos nas nossas prioridades, mas só as vamos anunciar depois das Eleições Europeias. Mas posso dizer que escolhemos prioridades que são tradicionalmente importantes para a Hungria, mas também são do interesses dos outros Estados-membros. A Europa tem perdido peso global – económico, científico, político. Portanto, a competitividade será um dos grandes temas a que temos de estar atentos juntos. Temos de encontrar o nosso interesse comum. E fazer mais para tornar a Europa mais forte economicamente e, dessa forma, mais influente politicamente. Há temas que são do interesse de todos – as migrações, os desafios demográficos, por exemplo, e também o alargamento. Vamos tentar agir como um mediador honesto durante a nossa presidência. Mas é claro que não podemos desistir dos nossos interesses vitais durante seis meses e, em janeiro, voltar a eles. Teremos, portanto, de encontrar um equilíbrio entre uma presidência neutra e um país que tem interesses. O que é natural e legítimo.

PARIS2024 TAMBÉM É O TRIUNFO DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA

TEXTO **ISAURA ALMEIDA,** EM PARIS

MAUD CHAZEAU

A Torre Eiffel, em Paris, o monumento mais visitado do mundo, ganhou por estes dias os anéis olímpicos, colocados entre o 1.º e o 2.º andar, e esperam-se ainda mais visitantes com o início dos Jogos (de 26 de julho a 11 de agosto). Será mais uma responsabilidade para Patrick Branco Ruivo, o lusodescendente com raízes do Alentejo que é diretor-geral da *Dama de Ferro* desde 2018.

O pai emigrou legalmente no início dos Anos 50. Tinha trocado as Minas de São Domingos pelo Metro de Lisboa, mas como sabia trabalhar a pedra foi chamado para colocar as peças de mármore nas casas de banho do Hotel Ritz. E foi aí que um colega lhe disse que o pai trabalhava em França e lhes arranjava “os papéis para irem”. E foi.

“Quando chegou teve um início de tuberculose e foi um ano para o sanatório onde escreveu uma carta à minha futura mãe, a ver se ela se queria casar com ele. Não se viam há sete anos, mas ela disse ‘Sm’ e casaram à distância. Ele assinou uma procuração aqui no Consulado e ela em Mértola. Só depois obteve os papéis para sair do país e o visto. Chegou em 1962 e eu já nasci em Meaux em 1971, na Região da Ilha de França, conhecida pelo fabrico do queijo Brie de Meaux”, contou ao DN Patrick, hoje com 53 anos.

Quando tinha 12 anos disse aos pais que queria ser embaixador e rumou a Paris para ingressar na Escola Normal Superior. Em 400 candidatos, entravam 14 e ele foi o 13.º. Formou-se em Economia e Direito. Cumpriu o Serviço Militar como qualquer francês, mas ao nível civil no Liceu Francês, em Atenas. Depois deu aulas numa faculdade durante cinco anos, mas entrou na prestigiada Escola Nacional da Administração, que forma 100 funcionários públicos de excelência para cargos estratégicos por ano. Patrick foi um deles, assim como o atual presidente Macron, um ano antes. Foi logo colocado no Hotel de Ville (Câmara de Paris). Ficou responsável pelos assuntos jurídicos públicos, antes de ir para o Bangladesh, como número dois da Embaixada de França. Voltou ao fim de três anos para integrar o gabinete da Direção dos Recursos Humanos da Câmara de Paris.

A política nunca o seduziu, mas quando foi convidado para ser conselheiro para os Assuntos Internos, com a pasta da reforma da Administração Pública aceitou e até gostou. Por isso, quando, em 2018, o convidaram para gerir a Société d’Exploitation de la Tour Eiffel sentiu o quão alto tinha subido: “Era essencial ser bem reconhecido pelos sindicatos e eu era.”

E foi assim que, em novembro de 2018, um lusodescendente com raízes no Alentejo chegou a diretor do monumento mais visitado do mundo. “O início foi terrível. O turismo ainda não tinha recuperado dos atentados de 2015 e enfrentámos logo uma revolta dos coletes amarelos [movimento sindical radical e espontâneo nascido em outubro de 2018] e o afastamento dos turistas. Depois fechámos um ano devido à covid-19 e aproveitámos para avançar com as obras de restauro, mas deparámo-nos com um problema de chumbo na estrutura e andámos às voltas com os arquitetos responsáveis pelos monumentos históricos para escolher a nova cor da estrutura... Passou, mas não foi fácil”, confessou ao DN, revelando ainda que 20,5% dos funcionários do monumento estão ligados a Portugal.

6,3 milhões de visitantes por ano

A Torre Eiffel muda de cor a cada sete anos. Inicialmente era vermelha, depois cor de laranja e castanha. Esta é a 20.º mudança: voltou ao castanho-amarelo que Gustavo Eiffel escolheu em 1907 para integrar a torre na cidade. Foram precisas 60 toneladas de tinta e ainda falta pintar o interior da estrutura.

Quando o céu está azul dá um efeito dourado à torre e fica com um aspeto mais jovem e um ar mais elegante, segundo o diretor, lembrando que até aos Anos 80 a Torre só teve quatro milhões de visitantes, porque as pessoas queriam subir ao topo e só dava para ir ao 1.º andar (57 metros).

“Hoje temos 6,3 milhões de visitantes por ano, média de 24 mil pessoas nos fins de semana”, conta. Mais anónimos do que famosos.

Durante a visita guiada que fez ao DN (honra idêntica à que Patrick deu a Jeff Bezos ou Celine Dion), desde as catacumbas onde estão os alicerces dos elevadores hidráulicos à zona mais alta e nobre, o diretor avistou fumo numa zona da cidade e alertou de imediato quem de direito. Essa também pode ser uma mais-valia da Torre Eiffel, que, segundo Patrick, era um triângulo sem graça idealizado pelo génio Gustavo Eiffel até o arquiteto Stephen Sauvestre lhe dar elegância. Hoje “é uma obra mutável, um *puzzle* incrível de 18 mil peças e que não se mexe (ou quase, mexe uns dois centímetros), tudo pensado sem computadores”.

Tinha 312 metros de altura e só devia ficar exposta 20 anos, mas foi salva pela guerra. Quando os vizinhos organizaram um movimento para a demolir, Eiffel foi ter com o ministro da Guerra e disse-lhe que a torre era do interesse da França e devia mantê-la como ponto estratégico devido às inovadoras transmissões sem fios, que, graças às antenas adicionadas, permitiam ouvir conversas de guerra e antecipar movimentos do adversários.

E assim a *Dama de Ferro* continuou a exibir a sua imponência. E agora sob gestão de um lusodescendente, que se emociona a ouvir histórias bonitas sobre ligações a Portugal e não resiste a um chocolatinho. Vem a Portugal “umas cinco vezes por ano”. Às vezes é só um fim de semana à sua casa em Fernão Ferro e, desde que dê para “tomar uma caipirinha na Praia do Meco”, está tudo bem, mesmo em alerta: “A Torre Eiffel é 99% de Paris e 1% da Área Metropolitana de Paris, mas tudo o que mexe com a torre é um assunto sensível. Nunca estou em paz com a Torre: é sete dias por sete dias e 24 horas sobre 24 horas.”

Patrick Branco Ruivo revitalizou o *marketing* à volta do monumento, que é visitado por 90 mil compatriotas por ano, fazendo acordos com empresas de topo e artistas que deram aos adereços alusivos à Torre Eiffel uma elegância e diversidade que antes não tinham. Hoje há uma sala de eventos, um restaurante com estrela Michelin, um terraço e zonas onde se pode apenas beber uma *flute* de champanhe e comer um *macaron* de assinatura exclusiva a mais de 250 metros de altura e com uma vista de perder o fôlego. Tanto que há sempre quem tente lá passar a noite. “Eles não sabem onde há câmaras e são apanhados, mas uns são mais astutos e posso dizer que alguns tiveram sucesso e podem dizer que passaram a noite na Torre Eiffel.”

Agora com Paris2024 a começar, quem conquistar uma Medalha Olímpica leva também um pedaço da Torre Eiffel. Cada uma é incrustada com um pedaço de ferro original da *Dama de Ferro*. O *design* é da conceituada joalharia LVMH Chaumet, que optou por incrustar o ferro original da Torre Eiffel em formato de hexágono – a forma geométrica do território francês – no núcleo da peça, seja de Ouro, Prata ou Bronze. “São pedaços metálicos removidos nas muitas restaurações e que estavam devidamente conservados num armazém. Peças genuínas da história parisiense que esperam encontrar novamente a glória graças a essa ideia genial de associar o monumento icónico de Paris e de França às conquistas olímpicas”, explicou Patrick Branco Ruivo.

isaura.almeida@dn.pt

JOGOS OLÍMPICOS Patrick Branco Ruivo é diretor-geral da Torre Eiffel e Hermano Sanches Ruivo vereador na Câmara de Paris. São rostos do sucesso de uma comunidade de um milhão de emigrantes e lusodescendentes na capital francesa, que acolhe o maior evento desportivo do mundo, de 26 de julho a 11 de agosto. Receberam o DN para falar das raízes a Portugal e de como estão a viver e a participar na logística olímpica, desde ceder pedaços da *Dama de Ferro* para as medalhas a evitar greves e manifestações dos coletes amarelos durante a prova.

"Tudo está pensado para que Paris e França não façam má figura"

HERMANO SANCHES RUIVO
Vereador na Câmara de Paris

Foi o primeiro português eleito para a Câmara de Paris e é nessa condição que, 14 anos depois, Hermano Sanches Ruivo integra, por inerência, cerca de 20 outras instituições municipais ou metropolitanas parisienses, que lhe permitem "a honra" de estar diretamente ligado à logística dos Jogos Olímpicos na cidade que o acolheu no início da década de 70. Sem esconder que a cerimónia de abertura no Rio Sena, a 26 de julho, é a principal dor de cabeça, o luso-francês diz que há outras grandes interrogações, como a receção aos chefes de Estado ou as greves e manifestações dos coletes amarelos.

Quando, em maio, falou ao DN num café parisiense, os planos A, B e C da segurança de Paris2024 ainda não estavam fechados. No caso do desfile dos 94 barcos no Rio Sena, tudo depende do número de atletas que cada país quiser incorporar no desfile de 6 quilómetros. "O Plano A é o que queremos, é muito importante passar uma mensagem de segurança. Somos um país propenso a ataques, mas nesta altura a França pode dar essa garantia de segurança", afiançou o vereador, mais preocupado com a contestação interna.

"Os coletes amarelos [movimento sindical radical e espontâneo nascido em outubro de 2018] e outros movimentos sindicais estão a aproveitar os Jogos Olímpicos para fazer exigências. Os funcionários da limpeza já conseguiram um aumento de 50 euros ao ameaçarem fazer greve à recolha dos lixos", contou o vereador, que nasceu em Alcaíns (Castelo Branco) em 1966.

A logística da própria segurança "é ultrassecreta e ultracomplexa", com zonas de controlo máximo, onde qualquer veículo motorizado é proibido e só quem tem o bilhete, trabalha ou habita nas zonas que acolhem eventos podem entrar. Os adeptos não-pagantes têm de se pré-inscrever dias antes da cerimónia de abertura para poderem ser escrutinados pelos Serviços Secretos e as ruas que ladeiam o Sena serão esvaziadas: "Estávamos a pensar em 600 mil, mas penso que vamos descer para os 300 mil adeptos por razões de segurança."

A presença de 120 chefes de Estado – Marcelo Rebelo de Sousa mostrou intenção de estar presente – no Trocadéro, a céu aberto, vai aumentar a pressão sobre as autoridades francesas, que recorreram à Inteligência Artificial para saber de quantas janelas de apartamentos podem sair eventuais disparos de arma de longo alcance, para precaver tiroteios, e a sistemas avançados de controlo e interceção de *drones*, por exemplo. A polícia irá monitorizar as multidões através de centenas de câmaras. E apesar de garantirem que não farão uso de *software* de reconhecimento facial (proibido por lei), esperam que seja útil como *scanner* corporal.

"Tudo está pensado para que Paris e França não façam má figura" na primeira cerimónia de abertura pública em 128 anos de Jogos Olímpicos da Era Moderna. "É um desafio gigantesco, porque as manifestações são uma característica muito francesa. Em França primeiro manifesta-se e depois negoceia-se. Os polícias manifestaram-se no início do ano, os funcionários da limpeza em maio e há receio de novas ameaças de greve", disse o vereador reeleito em 2020 para um terceiro mandato. É um dos 163 vereadores de Paris e um dos 43 executivos da equipa de Anne Hidalgo, com o pelouro dos Assuntos Europeus.

É nessa qualidade que Hermano olha para a herança de Paris2024, como o regresso de banhistas ao Sena... 50 anos e 1,4 mil milhões de euros depois. Qual pintura de Édouard Manet (1832–1885), no próximo ano o rio ficará acessível para banhos. "Já fizemos tudo o que era necessário, inaugurámos um centro gigante para acolher as águas de chuva, responsáveis por levar agentes poluidores para o Sena. Recolhe milhares de metros cúbicos e vai permitir a competição [triatlo e natação de águas abertas] e Macron mantém a ideia de mergulhar no Sena para o provar", revelou, lembrando que Paris tem em média 111 dias de chuva por ano e uma tempestade de verão será um problema.

São esperados 12 milhões de pessoas entre 26 de julho a 11 de agosto (Jogos Olímpicos) e entre 28 de agosto a 8 de setembro (Jogos Paralímpicos). Muitos parisienses preparam-se para "fugir" aos JO, mas para Hermano, "a palavra fugir de Paris é um exagero", pois todos os verões, os parisienses vão de férias no verão, assim como os emigrantes e ele próprio, há quase 50 anos.

Aprender português em França

Filho de Joaquim e Maria dos Anjos, chegou a França em 1971, altura em que a mãe se juntou ao pai, que tinha ideais de esquerda e decidiu emigrar com receio da PIDE . Hermano tinha 5 anos e cresceu com um pai trabalhar nos supermercados Carrefour e uma mãe operária numa fábrica de borrachas para vidros de automóveis. Nada que o tenha impedido de estudar e crescer com orgulho nas origens, ao ponto de ainda hoje ser um dos principais dinamizadores da cultura portuguesa. Recebeu inclusivamente a Comenda da Ordem de Mérito em 2011 por serviços prestados à comunidade e à língua de Camões, que considera "uma mais-valia e não um travão", como muitos consideravam quando ele chegou a França.

Hoje dói-lhe a alma "ver que há 30 pessoas a aprender português em França e 250 mil a aprender francês em Portugal". E, porque "não basta os pais falarem português com os filhos em casa", diz que é "urgente olhar para os 2,5 milhões que escolhem o espanhol como segunda língua, muitos deles filhos de emigrantes portugueses".

Essa é uma batalha pela qual vale a pena lutar: "Apelo a Luís Montenegro e a Marcelo Rebelo de Sousa, que retomem o diálogo com Emmanuel Macron para repor o ensino da língua portuguesa. Há uma proposta nesse sentido, mas é preciso pressão ao mais alto nível. O Governo não se pode marimbar, é um direito constitucional de todos os portugueses e nós somos portugueses."

Hermano também esteve na origem da Santa Casa da Misericórdia de Paris, hoje liderada por Ilda Nunes, que chegou à capital francesa com 15 anos e se tornou a primeira mulher Provedora. E se Aristides de Sousa Mendes, Cônsul de Portugal em Bordéus durante a II Guerra Mundial, que salvou milhares de judeus da perseguição das forças Nazis com vistos portugueses, dá hoje nome a um dos passeios do *Boulevard de Batignoles*, muito se deve à incitava do albicastrense, que, apesar de benfiquista de alma e coração, durante a conversa com o DN não escondeu a alegria de ver um jovem com uma camisola do Sporting dias depois de os leões se sagrarem campeões.

Casado com "a Dina da Figueira da Foz" e pai de gémeos, um deles a estudar Ciência Política em Lisboa e outro Engenharia em Paris, formou-se em Relações Internacionais e foi um dos fundadores da Cap Magellan, a primeira associação de lusodescendentes na Europa. Hermano Sanches Ruivo é também presidente da associação Activa, grupo de amizade França-Portugal das Cidades e Coletividades Territoriais, que tanto organiza fóruns de cidadania, fiscalidade e emprego, como estabelece ligações comerciais e intercidades, porque "a dupla-cultura é importante e Portugal é solução".

isaura.almeida@dn.pt

O "orgulho" do Adido Pauleta, os 107 polícias e o juiz neto de um primeiro medalhado

PARIS2024 Qualificação termina no dia 30, mas, para já, Portugal tem 55 apurados. Diogo Ribeiro foi o primeiro a garantir uma vaga e Pedro Pichardo é o único Campeão Olímpico e principal candidato a medalha entre a representação nacional.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Paris recebe os protagonistas dos Jogos Olímpicos de 26 de julho a 11 de agosto, mas a representação portuguesa vai muito além da ambição desportiva dos atletas e desse desejo de fazer ecoar *A Portuguesa* no pódio. A Casa de Portugal será albergue para polícias, um juiz do hipismo, que é neto de um dos primeiros medalhados olímpicos, e um adido que é uma lenda do principal clube parisiense.

55 atletas apurados: Um campeão e dois medalhados

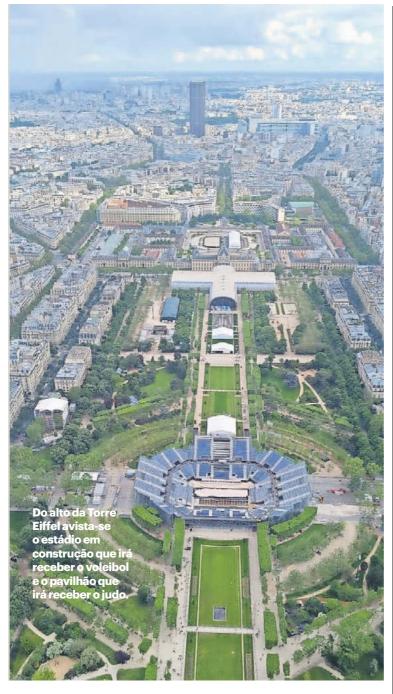
A qualificação para Paris2024 fecha a 30 de junho, data em que encerra o apuramento por *ranking* do Atletismo, modalidade rainha do olimpismo português, que este fim de semana garantiu mais alguns atletas nos JO durante os Europeus de Roma, como Liliana Cá (Medalha de Bronze no lançamento do disco). Até agora Portugal tem 55 atletas apurados.

A meta estabelecida pelo chefe de Missão, Marco Alves, são 66 eventos de medalha e perto do recorde de participação de 92 atletas.

O primeiro a garantir um lugar em Paris foi o nadador Diogo Ribeiro, um dos estreantes. Dos quatro medalhados em Tóquio2020, apenas Patrícia Mamona (Prata, triplo salto) não conseguiu ainda apurar-se. O Campeão Olímpico do triplo salto, Pedro Pichardo, e os medalhados de Bronze, Fernando Pimenta (canoagem) e Jorge Fonseca (judo), já o conseguiram.

Casa de Portugal alberga polícias, 107 portugueses

Portugal tem previsto enviar 54 militares da GNR e 53 agentes da PSP para reforçar o dispositivo de segurança em França, que andará à volta dos 35 mil polícias, mas o número ainda pode duplicar. A GNR irá assegurar o reforço do policiamento através de ações de patrulhamento apeado e a cavalo, de segurança e fraude documental, de controlo de fronteiras e deteção de explosivos com binómios cinoté-cnicos em Paris, Bordéus, Marselha e Chateauroux.

Quanto à PSP, vai enviar equipas especializadas em cinotécnica e em inativação de engenhos explosivos e polícias com a especialização em patrulhamento e segurança em transportes públicos.

Do alto da Torre Eiffel avista-se o estádio em construção que irá receber o voleibol e o pavilhão que irá receber o judo.

A Casa de Portugal vai receber parte da força policial dos Jogos. Criada em 1967, a *Maison du Portugal* é uma obra de André de Gouveia e albergou Carlos Moedas, quando era Comissário Europeu para a Investigação, Ciência e Inovação. O espaço costuma acolher cerca de 180 universitários de 40 nacionalidades, sendo uma centena de portugueses, e integra a Cidade Universitária que acolhe cerca de 6000 estudantes.

Pedro Pauleta será Adido da Missão Portuguesa

Pedro Pauleta é Adido da Missão Portuguesa, a par da nadadora Diana Gomes (uma das personalidades que transportaram a tocha). "Para mim é um orgulho e motivo de grande alegria poder acompanhar os atletas na Aldeia Olímpica e fazer a ligação da Missão com a comunidade portuguesa que foi à procura do sonho, como eu quando fui para o PSG, de uma vida melhor em Paris, uma cidade que é muito especial para mim por tudo o que lá vivi graças ao futebol", disse ao DN o antigo avançado e atual diretor da Federação Portuguesa de Futebol.

Lenda do Paris Saint-Germain (PSG), ainda em 2022 foi alvo de uma homenagem do clube que representou entre 2003 e 2008 (109 golos em 211 jogos). Além de dar o rosto a um mural no Parque dos Príncipes do conceituado artista francês Estim, a "lenda" *Pauletá* (com entoação) também dá nome a uma das salas do estádio.

13 juízes em oito provas, um deles neto do 1.º medalhado

Nem só de atletas se faz a representação nacional nos JO. Nesta altura, a pouco mais de um mês e meio do início do evento, há pelos menos 13 juízes/árbitros nacionais destacados. Um deles no hipismo – Manuel Carvalho Martins, neto de Hélder de Sousa Martins, um dos quatro cavaleiros medalhados de Bronze na prova de saltos por equipas, juntamente com Aníbal Borges de Almeida, José Mouzinho de Albuquerque e Luís Cardoso de Menezes, naquela que foi a primeira Medalha Olímpica de Portugal. O COP prepara uma cerimónia para celebrar o centenário dessa conquista de 27 de julho de 1924.

Uma atleta portuguesa já transportou a tocha

A ex-nadadora Diana Gomes preside à Comissão de Atletas Olímpicos e transportou a Tocha Olímpica em Marselha no dia 9 de maio. É, a par de Pauleta, um dos Adidos da Missão e vai assim voltar a uns Jogos Olímpicos, depois de ter participado como atleta em Atenas2004 e Pequim2008.

"Poder fazer parte de um evento deste tamanho e com esta simbologia foi incrível. Não estava à espera de sentir a adrenalina que senti. Foi mesmo muito bonito e tive essa oportunidade única e inimaginável de orgulho e de responsabilidade por cerca de dez milhões de compatriotas. Ergui a tocha em nome de todos eles e de seguida partilhei-a com representantes de 28 países. Uma simbologia de enaltecimento de valores e de excelência, seguida de comunhão, aquela que tão necessária se torna nos tempos que o mundo vive", confessou ao DN Diana Gomes, que tem dupla nacionalidade e avós parisienses.

Comitiva portuguesa com cerca de 60 pessoas

O presidente do Comité Olímpico de Portugal, José Manuel Constantino, deverá liderar uma comitiva portuguesa, que, excluindo os atletas, deve andar à volta de 60 pessoas. E sem pavilhão dedicado a Portugal. Paris2024 não terá a prometida Casa da Nação como estava previsto.

O anterior Governo chegou a comprometer-se com um apoio de 420 mil euros, mas a falta de outros apoios levou o Comité Olímpico de Portugal a desistir da ideia, como confirmou Pedro Duarte, ministro dos Assuntos Parlamentares, durante as comemorações do 10 de Junho, em Paris, antecipadas para a semana passada.

Milhares de adeptos e milhares de voluntários

Na ausência de um pavilhão português, o Consulado e a Embaixada de Portugal em Paris vão ter um papel mais ativo na receção e no apoio aos adeptos portugueses. Nesta altura ainda não é possível saber quantos cidadãos nacionais já compraram ingressos para os jogos e podem deslocar-se à capital francesa sem ter bilhete, até porque há modalidades que têm entrada gratuita, como o ciclismo. A embaixada, liderada por José Augusto Duarte, espera fazer a ponte institucional entre Portugal e França e ser porto seguro para os adeptos portugueses.

Segundo Ricardo Bastos, há muitos portugueses a trabalhar para que os Jogos Olímpicos sejam uma realidade. Desde grandes empresários da área da construção civil envolvidos na construção de pavilhões, acesso e montagem das estruturas que vão receber eventos, até à área da logística alimentar e da comunicação e imagem.

isaura.almeida@dn.pt

Alcaraz coroado novo rei de Roland Garros

TÉNIS Espanhol bateu o alemão Alexander Zverev na final do torneio francês. É o mais novo a conseguir conquistar três *Grand Slams*.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

Alcaraz agradeceu todo o apoio da família.

EMMANUEL DUNAND / AFP

Depois do Open dos Estados Unidos em 2022 (piso rápido) e Wimbledon em 2023 (relva), Carlos Alcaraz conquistou ontem o terceiro *Grand Slam* da sua ainda curta carreira, desta vez na terra batida de Roland Garros, ao vencer na final Alexander Zverev pelos parciais de 6-3, 2-6, 5-7, 6-1 e 6-2, num jogo de durou 4.20 horas.

O tenista espanhol de 21 anos tornou-se assim o mais jovem de sempre a vencer três *Grand Slams* em três superfícies diferentes, batendo o recorde que pertencia a Rafael Nadal, que alcançou o feito com 22 anos e sete meses. Agora fica a faltar-lhe o Open da Austrália para fazer o pleno de *majors*, um torneio em que nunca conseguiu passar dos quartos-de-final. Quando o fizer passa a ser o quinto tenista na era *Open* a alcançar tamanho feito.

Neste século, Alcaraz tornou-se também o mais novo de sempre a vencer o torneio parisiense, batendo outra marca de Nadal, que triunfou 14 vezes em Roland Garros, três delas antes dos 22 anos – 2005, 2006 e 2007. O mais jovem de sempre a triunfar em França, na era *Open*, foi Michael Chang, com 17 anos, em 1989.

Depois de um início equilibrado, Alcaraz superou-se e não deu hipóteses ao tenista alemão, vencendo de forma arrasadora os dois últimos *sets*, por 6-1 e 6-2. Zverev, que jogava a segunda final da sua carreira, a primeira na terra batida de Roland Garros, continua sem conseguir vencer um *Grand Slam*.

"Tenho a sorte de ter grande parte da minha família aqui, sempre estiveram comigo, é incrível estarem cá, mas nas vezes em que não estiveram aqui no torneio sei que me apoiaram pela televisão em casa. Todo o apoio que me dão é incrível, desde pequeno. Quando acabava a escola ia a correr ligar a televisão para casa para ver este torneio e agora estou a levantar o troféu aqui convosco", disse Alcaraz, agora N.º2 do Mundo.

Alcaraz deixou ainda uma palavra ao adversário: "Parabéns ao Sascha pelo grande início de ano, grande ténis e torneio. É incrível o nível que jogas. Sei tudo aquilo por que passaste nos últimos anos, a lesão neste mesmo *court*. Foi uma jornada incrível."

"Vencer três *Grand Slams* com 21 anos é algo incrível, é uma carreira impressionante. És um jogador incrível e tenho a certeza de que este não será o último. Quero agradecer à minha equipa por esta longa viagem, desde a lesão que sofri neste mesmo *court*. Estivemos bem, mas não foi suficiente, mas oxalá um dia possamos vencer aqui. Quero também, agradecer à diretora do torneio, porque é sempre um prazer jogar aqui. E também ao público, foi impressionante a atmosfera aqui. Para o ano estou cá de novo", elogiou Alexander Zverev.

nuno.fernandes@dn.pt

Seleção já tem foto de família para o Euro

A FPF divulgou ontem a fotografia de família da seleção nacional que vai participar no Campeonato da Europa de Futebol, que decorre na Alemanha entre 14 de junho e 14 de julho, com os 26 convocados e respetiva equipa técnica. Antes da partida para o Euro, Portugal realiza amanhã o último jogo de preparação, frente à República da Irlanda, em Aveiro, com início às 19.45 (RTP1).

FPF

Pichardo e Tiago Pereira prontos para lutar pelo pódio no triplo salto

ATLETISMO Os saltadores portugueses garantiram o apuramento para a final à primeira tentativa. Pichardo diz ter guardado "a potência e a coragem" para amanhã.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

Um dia depois de Liliana Cá ter alcançado a primeira medalha para Portugal nos Europeus que decorrem em Roma, o Bronze no lançamento do disco, Pedro Pablo Pichardo e Tiago Luís Pereira confirmaram-se como esperanças portuguesas para chegar ao pódio, pois ambos garantiram o apuramento para a final do triplo salto, marcada para amanhã (19.55, hora de Lisboa), logo na primeira tentativa.

Pichardo, Campeão Olímpico e Europeu, fez a marca de 17,48 metros, enquanto Pereira, Bronze no Mundial *Indoor*, chegou aos 16,83, ficando respetivamente com as 2.ª e 4.ª marcas da qualificação, que foi liderada pelo espanhol Jordan Díaz com 17,52m, enquanto o italiano Emmanuel Ihemeje foi 3.º (16,98m).

"Acho que estamos todos fortes, eles são jovens e saltam muito", reconheceu Pichardo, após assegurar a qualificação, referindo-se aos seus ex-compatriotas Jordan Díaz e Andy Díaz, este último, naturalizado, só poderá representar a Itália a partir de 1 de agosto, a tempo dos Jogos Olímpicos de Paris 2024.

O atleta do Benfica chegou ao Campeonato da Europa com a 2.ª melhor marca continental do ano (17,51m), depois de um período de afastamento da competição, por lesão e por um litígio com os encarnados. "Correu bem, foi tranquilo. Marquei a qualificação no primeiro salto, era esse o objetivo. Não queria arriscar fazer um nulo e ter de fazer mais do que um salto, para me poupar para terça-feira. A qualificação não é para fazer grandes marcas, é só qualificar. A potência e a coragem têm de ficar para a final", reiterou o saltador de 30 anos.

"Marquei a qualificação no primeiro salto, era esse o objetivo. Não queria arriscar e fazer um nulo e ter de fazer mais um salto. A qualificação não é para grandes marcas. A potência e a coragem têm de ficar para a final" disse Pichardo.

A desilusão de Samuel Barata

O dia de ontem começou com a meia-maratona, onde Rui Pinto foi o melhor português ao terminar na 38.ª posição, sendo que Miguel Borges foi 41.º. Pior sorte tiveram Samuel Barata e Hélio Gomes, que desistiram aos 6 e 11 quilómetros, respetivamente, por problemas físicos.

Rui Pinto concluiu os 21.097,5 quilómetros da corrida mais longa dos Europeus em 1:04:55 horas, a 3.52 minutos do vencedor, o italiano Yemaneberhan Crippa, que estabeleceu o recorde dos campeonatos, em 1:01:03h. Miguel Borges cortou a meta a 4.13m do novo Campeão da Europa.

A Itália conseguiu mesmo a dobradinha nesta prova, pois além do Ouro de Crippa, Pietro Riva foi Medalha de Prata.

Samuel Barata era a maior esperança portuguesa nesta prova e não escondeu a tristeza. "Estou superdesiludido. Podia lutar por um *top*-10, *top*-8, se corresse na casa da 1:01 horas, mas estou com uma pequena lesão e agora o importante é voltar aos treinos para os Jogos Olímpicos", disse o fundista do Benfica, de 30 anos, que vai correr a maratona de Paris2024.

Melhor estiveram Carla Salomé Rocha e Solange Jesus com recordes pessoais no setor feminino, que permitiram terminar em 24.º e 28.º lugares, respetivamente, tendo Susana Santos e Vanessa Carvalho cortado a meta mais tarde, na 44.ª e 51.ª posições.

Já nos 400m barreiras, Mikael Jesus e Fatoumata Diallo qualificaram-se para as meias-finais dos 400 metros barreiras, distância em que Vera Barbosa acabou por ser eliminada. **Com LUSA**

Maestro Victorino D'Almeida

"Se as pessoas começarem a ser drasticamente mais exigentes, os direitos acontecem. E a cultura é um direito!"

CARREIRA Uma conversa disruptiva a condizer com o entrevistado. O sempre revolucionário maestro António Victorino de Almeida partilha as suas preocupações com o futuro que aí vem.

ENTREVISTA **FILIPE GIL**

Dias depois de ter sido ovacionado de pé por uma plateia jovem no Coliseu dos Recreios, onde recebeu a Distinção pela sua Carreira pelos *Prémios Play*, fomos ao encontro do maestro António Victorino de Almeida em Campolide, onde vive. Num café de bairro onde cada vez mais as conversas entre vizinhos estão a ser substituídas pelos olhares solitários para os *smartphones*, Victorino de Almeida, que recentemente completou 84 anos, fala ao DN do que pensa sobre a sociedade portuguesa, a nova identidade de Lisboa, na qual não se revê, e um possível futuro com uma sociedade extremamente dividida.

O que é que significou receber este Prémio Carreira atribuído pelos *Play*?
Foi uma grande surpresa, não estava nada à espera. Estes prémios são recentes e confesso que nem sabia que existiam. Mas gostei da forma como o organizaram e como decorreu o evento, foi muito bom e nada chato.

Quando recebe uma distinção pelo seu trabalho que tipo de sentimento lhe proporciona?
Já recebi uns prémios. [*Risos*]. Recordo-me de um que recebi na Áustria e outro em França. Um estava à espera e outro, quando fui feito Cavaleiro da República Francesa, deixou-me espantado. A minha mulher era francesa, mas eu nunca vivi em França. Tenho as minhas filhas e as minhas netas por lá, mas nunca lá vivi.

Esteve mais de 20 anos na Áustria...
Sim. Fui para Viena com 21 anos e depois voltei para Lisboa para dar 20 anos de vida ao meu pai. A morte da minha mãe foi muito difícil para ele e, como as minhas filhas estavam em Paris, decidi vir. Mas costumo dizer que não foi um tiro no pé, mas sim um tiro na cabeça. [*Risos*]. Digo isto porque as coisas em Portugal estão muito desordenadas, está-se a construir uma sociedade que esqueceu que tem de saber falar e escrever bem... Não respeito nada o Acordo Ortográfico, por exemplo. É uma vigarice que deu a ganhar milhões para fazer dicionários naquela língua que não existe. Escrevo como escrevia!

Regressando aos *Prémios Play*, na cerimónia no Coliseu apresentaram um vídeo com imagens suas em criança, em jovem, no início da carreira, desses primeiros anos em Viena. Como se sente quando o fazem olhar para trás?
Gosto muito do meu passado e tive uma infância boa. Cresci ali na zona do Campo Grande e foi algo que me marcou muito. Vivia no fim da Avenida da República e naquela altura só existiam hortas e campos por ali, brincava com a miudagem que lá andava, os chamados pés descalços, mas como que seguravam a identidade de Lisboa. Hoje em dia não gosto de Lisboa, não a reconheço e não consigo encontrar a sua identidade.

Aliás, numa entrevista ao DN no ano passado, dizia que considerava que Lisboa não é uma capital como outras que existem na Europa, sobretudo pela falta de oferta cultural.
Disse e mantenho. Há um grande atraso e há uma grande diferença comparada com outras cidades. Há poucos teatros em Lisboa e nem sequer funcionam todos os dias. Em Viena, por exemplo, há vários concertos de música clássica por dia, sem falar dos outros géneros, como o *rock* e o *jazz*, que têm concertos diários.

E porque é que isso acontece em Portugal?
Não sei... uma capital que tem um concerto de música clássica por semana, como há na Gulbenkian, só é comparável a uma aldeia em França, na Áustria ou na Alemanha. E os nossos museus são uma desgraça. É complicado, porque ao mesmo tempo as pessoas de Lisboa são muito amáveis e simpáticas, mas a cidade, em si, e as suas estruturas são de uma tremenda hostilidade. E claro, não sou um fanático e nem preciso de ir todos os dias ao teatro, mas nos 27 anos que vivi em Viena, por vezes estava em casa e se me apetecesse sair para ver uma peça tinha muita escolha. Mas há outra coisa que me faz confusão é que a maioria das vezes que vou aos cafés em Lisboa vejo as pessoas a olhar para o telemóvel, mas porquê? Parece que tudo piorou. Por outro lado, em Portugal as pessoas querem ver coisas. E na música, nunca tivemos tantos e tão bons músicos.

> *"Nunca houve tantos músicos tão bons como agora, mas não há estruturas de organização que possam dar vazão à qualidade extrema que cá temos, e isto sem falar nas dezenas que já foram para o estrangeiro. São mesmo de uma qualidade extrema e isso não existia antes do 25 de Abril."*

Na cerimónia dos *Play* quando lhe pediram para se sentar ao piano e tocar uma música, escolheu um excerto da banda sonora que fez para o filme *Capitães de Abril* (2000). Quis passar alguma mensagem?
Sim. Achei que era de lembrar que existem valores que o 25 de Abril criou e que estão cá e à disposição das pessoas, não é preciso ir para uma bicha tirar uma senha e ter direito a eles. [*Risos*]. Se as pessoas começarem a ser drasticamente mais exigentes, os direitos acontecem. E a cultura é um direito!

Estava à espera de outra coisa, na área da cultura, 50 anos depois da Revolução.
Esperávamos todos!

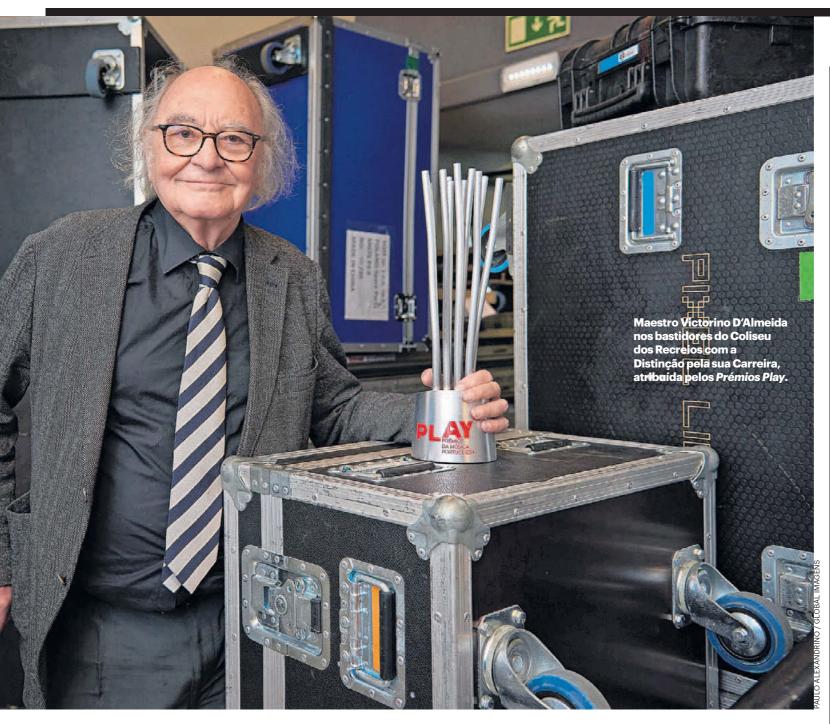
E o que se pode fazer para não se cair numa certa desilusão com o 25 de Abril?
Nunca houve tantos músicos tão bons como agora, mas não há estruturas de organização que possam dar vazão à qualidade extrema que cá temos, e isto sem falar nas dezenas que já foram para o estrangeiro. São mesmo de uma qualidade extrema e isso não existia antes do 25 de Abril. Mas é uma luta horrível para se conseguir fazer coisas. Temos músicos para fazer quatro ou cinco orquestras boas, mas faltam estruturas. Uma capital europeia tem dois, três concertos sinfónicos por dia. É assim, lamento. Nas capitais na Europa há ópera todos os dias e, para quem quiser ouvir *jazz*, há 20 casas a funcionar diariamente.

Mas não haverá culpa por, nas últimas décadas, ter-se criado uma certa erudição quase intangível na música clássica, e que eventualmente tenha afastado algumas pessoas?
Acho que não. As pessoas quando conhecem, recebem. E percebem porque se chegou àquele ponto. E claro, depois têm o seu direito de gostar ou não. Dizer mal ou bem é um direito, já ignorar não é o. Espanto-me que este ano ainda não se tenha feito a *9.ª Sinfonia de Beethoven* [*Risos*], porque se insiste sempre nas mesmas coisas...

Tem compositores preferidos?
Não especialmente. Tem dias. [*Risos*].

É um defensor de CD para ouvir música...
Tenho 16 mil CD em casa. O vinil nunca prestou, foi bom porque era o melhor que havia na altura. E de repente vejo pessoas, às centenas, a deitar fora os seus CD e os leitores de CD... e hoje é difícil comprar um CD. Há cinco meses estive em Viena e confesso que ia de coração apertado a pensar que o mundo está a ficar mesmo doido a achar que esta porcaria do vinil é que é. Mas fui a uma loja onde costumava ir e vi que tem milhares de CD. Enquanto por cá, lojas como a FNAC são capazes de ter uns cinco CD à venda, o que é uma vergonha.

Maestro Victorino D'Almeida nos bastidores do Coliseu dos Recreios com a Distinção pela sua Carreira, atribuída pelos *Prémios Play*.

PAULO ALEXANDRINO / GLOBAL IMAGENS

E hoje ainda há a desmaterialização da música que temos nos telemóveis e computadores.
Acho que é uma golpada para estupidificar as pessoas. É o mesmo que darem livros que só têm pedaços de capítulos. Porque quando um compositor faz uma peça não o faz por acaso. Uma valsa pode demorar dois minutos, OK, mas uma peça sinfónica só fica completa quando é ouvida na íntegra. O compositor escreveu quatro andamentos e não quatro peças, e não foi por acaso. Em termos de qualidade de som, o que temos nos telemóveis serve para os auscultadores, mas se colocarmos e ouvirmos numa sala não é a mesma coisa. Aliás, já fui espreitar as redes sociais e vi que dizem que se pode ouvir milhões de músicas no telemóvel, só que não há milhões de músicas, há para aí um milhão. Desde os compositores da idade média aos compositores do século XXI se tiverem 100 Opus é muito. Para chegar aos milhões de músicas…; mas verifico que as pessoas só ouvem pedaços de músicas. Por que razão colocam pedaços de uma peça que dura 30 minutos, o que é que se ganha com isso? Se eu fizer o resumo de *Os Irmãos Karamazov*, as pessoas ficam na mesma, não percebem a obra. Se eu fizer um resumo das improvisações do Keith Jarret, ficam na mesma, e quem escuta assim, só trechos, está a ser enganado. Uma quadra do António Aleixo é uma quadra, não pode ser resumida. E preocupa-me que se ande a espalhar a confusão na cabeça das pessoas. Apesar de não querer entrar em teorias da conspiração, parece-me que a velha expressão "dividir para reinar" está a ser substituída por imbecilizar para reinar. Dizem que é prático, mas as pessoas ficam espantadas com as coisas práticas… o culto do prático já foi arrasado pelo Jacques Tati. A vida não é prática, a vida é uma luta, aliás começa logo como uma luta. Qualquer pessoa que esteja na rua, rico e pobre, tem direito a chegar a tudo, mas tem de querer fazê-lo. Portanto acho que se está a assistir a uma subversão da lógica interna que comanda o universo cultural. Estão a convencer as pessoas de que, pelo facto de lerem uma banalidade à mesa do café, no telemóvel, no comboio ou sentado na retrete, tem acesso à cultura. [*Riso*]. E isso não é verdade.

"Hoje em dia não gosto de Lisboa, não a reconheço e não consigo encontrar a sua identidade."

"Parece-me que a velha expressão 'dividir para reinar' está a ser substituída por imbecilizar para reinar."

Como se pode contrariar isso?
Com uma revolução! Tem de ser sempre a revolução. Há revoluções que são calmas, há umas que são como uma serpente e outras como um rinoceronte, que dão cabo de muito. Aos 84 anos acho que é simpático da minha parte preocupar-me com o futuro, podia estar a marimbar-me. Mas tenho muito medo que se estejam a criar condições para uma futura sociedade de castas, de brâmanes e párias. Temos jovens incríveis e em todas as áreas, médicos, cientistas, músicos, escritores. Mas ao lado deles temos "patetinhas" que são aconselhados a ir ver tudo à internet. É como um supermercado em que lá está tudo, é útil e prático, lá está, mas o prático não é qualitativo. E, sinceramente, aflige pensar numa sociedade de brâmanes e párias, os muito bons que existem hoje – e que na minha geração não existiam – não vão querer dividir com os párias que não têm cultura, que não leem e que nem sabem escrever. E isso seria um retrocesso monstruoso na sociedade ocidental. Isso, para mim, é muito preocupante e tenho muito medo que dentro de 30 anos exista uma classe intelectualmente superior que não liga à ralé. Porque são muito bons, quando comparados com quem lê um romance em quatro páginas no telemóvel, ou porque ouviram um pedaço de sinfonia e pensam que é assim. E acho que se devia começar a lutar contra isso.

filipe.gil@dn.pt

BREVES

Mal Viver candidato a prémio no México

O filme *Mal Viver*, de João Canijo, é candidato a um novo galardão, o Prémio dos Críticos da América Latina para Filmes Europeus, cujo vencedor devia ser anunciado no domingo à noite (madrugada de hoje, em Lisboa), no *Festival de Cinema de Guadalajara*, no México. Além de *Mal Viver*, são candidatos finalistas ao prémio *Animal*, de Sofia Exarchou (Grécia), e *The Teachers' Lounge*, de Ilker Çatak (Alemanha). O prémio é uma iniciativa da rede European Film Promotion, que congrega os institutos de cinema de 37 países, incluindo o Instituto do Cinema e do Audiovisual (Portugal), que decidiu criar um prémio da crítica latino-americana, para "dar mais visibilidade e impulsionar a circulação de filmes europeus" naquele território. A escolha dos três finalistas foi feita a partir de uma lista de 23 filmes europeus.

Festival de Annecy abre janela a Portugal

O *Festival de Cinema de Animação de Annecy*, que começou ontem em França, tem Portugal como país em destaque, com uma presença inédita de filmes, projetos, realizadores, produtores, estudantes, e com Regina Pessoa entre as personalidades convidadas. É a primeira vez que o cinema português de animação tem representação substancial naquele festival e, durante uma semana, público e profissionais poderão ver o que está atualmente a ser feito em alguns dos mais relevantes estúdios e produtoras portugueses. Foi desenhada uma programação com sete momentos distintos, que permite recuar aos primeiros filmes de animação, feitos há 100 anos, revelar a mais recente produção, com diferentes abordagens artísticas e estéticas, e dar a conhecer as obras que estão ainda em projeto.

LIVROS DA SEMANA

Um policial detido pelo confinamento e libertado pelos leitores

THRILLER Javier Castillo tornou-se em meses um dos autores espanhóis de policiais de maior sucesso. Veio a Lisboa apresentar *O Jogo da Alma*, *thriller* onde um crime serve para criticar o fim do jornalismo de investigação. O seu segredo, diz, está na capacidade de criar emoções nos leitores.

TEXTO **JOÃO CÉU E SILVA**

Logo de início, o autor coloca um aviso em *O Jogo da Alma* a alertar que qualquer coincidência com casos reais não é propositada. Não será por acaso, pois segundo o autor, Javier Castillo, essa é uma situação frequente neste género literário: "Tanto com situações que já ocorreram, como com outras que virão a acontecer e aí parece que as personagens se inspiraram nesses factos." Garante, por isso, que nos seus livros tenta afastar-se ao máximo de casos conhecidos, mesmo que conceda que este segundo volume da trilogia que começou com *A Menina de Neve* deva o seu início a uma experiência própria, a de lhe entregarem ou deixarem nas sessões de autógrafos envelopes para si: "É frequente; cartas, prendas e coisas de que não percebemos o significado."

Foi dessa forma que encontrou a história para este livro: "Uma leitora deu-me um envelope cheio de fotos dela e nunca percebi qual era a intenção." Mas serviu como ponto de partida para este policial, que começa com uma Polaroide que é deixada dentro de uma carta a uma jornalista que escreveu sobre um caso real e, dessa imagem, depreende-se que há mais uma vítima. E, assim, começa a investigação para esclarecer um possível crime.

Castillo já vendeu mais de dois milhões de exemplares dos quatro policiais que publicou, foi traduzido em várias línguas, e a Netflix pretende adaptar a trilogia em curso, mas não era esse o destino do autor que trabalhava na área financeira até ter de se dedicar aos seus livros a tempo inteiro. Queria desde muito jovem ser escritor, mas nunca achou possível viver dos livros, contudo o sucesso que teve ao colocar o seu primeiro romance, *O Dia em Que Perdemos a Cabeça*, numa plataforma *online* fez com que as editoras o disputassem.

Daí até ter largado o emprego e passado a dedicar-se a tempo inteiro à escrita foram poucas semanas. Resume essa época assim: "Desde criança que escrevo muito e que gostava de ler, mas escolhi Economia como curso, porque achei que era uma melhor saída profissional. Continuei a escrever nos tempos livres e o sucesso do meu primeiro romance abriu a porta ao sonho de infância. Deixei o meu emprego para cumprir o meu sonho e tive de reorganizar toda a minha vida."

O JOGO DA ALMA
Javier Castillo
Suma de Letras
407 páginas

O autor espanhol Javier Castillo regressa ao policial com *O Jogo da Alma*, o segundo volume da trilogia iniciada com *A Menina de Neve*.

Nunca acreditou que essa mudança na sua vida acontecesse: "Estava consciente de que escrevera uma coisa diferente, mas duvidava de que fosse tão apreciado. De repente, tornou-se o livro mais vendido em Espanha e, ao fim de um ano, já tinha ultrapassado o milhão de exemplares."

Nem tudo foram rosas neste curto percurso, pois ao lançar *A Menina de Neve*, com uma gigante campanha de promoção, dois dias depois aconteceu o confinamento do covid-19: "De um momento para o outro as livrarias fecharam as portas e achei que tinha tido o maior azar do mundo. Só que as pessoas, fechadas em casa, passaram a querer ler e este foi o livro virtual que a maioria escolheu. E quando as livrarias reabriram parcialmente, muitos mais correram a comprá-lo e transformou-se no livro mais vendido no período do confinamento."

O Jogo da Alma acabou por ser escrito durante o confinamento, apesar da dificuldade vivida por Javier Castillo: "Estar fechado em casa provocou-me um bloqueio total. O facto de estarmos todos presos impedia-me de escrever. Então, ocupei-me a planificar a trama, a escolher os cenários e a estruturar os personagens, até ser capaz de começar a escrever." Situou-o em Nova Iorque, em vez de Espanha, como já tinha acontecido no seu primeiro livro: "*O Dia em Que Perdemos a Cabeça* era tão diferente que achei que não o poderia colocar em Espanha. Não era credível, enquanto nos Estados Unidos, onde tudo pode acontecer, resultava."

Em ambos os volumes desta trilogia, Castillo faz questão de criticar o que se passa no jornalismo atual: "Fico incomodado com a forma sensacionalista, obscena ou mórbida, como a comunicação social aborda as notícias. Foi por isso que criei a personagem de Miren Triggs, que dá respostas à degradação do jornalismo ao empenhar-se nas suas investigações." A crítica prolongou-se por *O Jogo da Alma*, onde se reflete sobre a morte dos jornais sérios e um domínio cada vez maior dos leitores que estão focados em passar a grande velocidade e sem questionarem as notícias nos ecrãs dos telemóveis.

Qual a razão para que tantos leitores leiam Javier Castillo? O autor aponta uma: "O que me preocupa é a história. Uma das regras da minha narrativa é que cada capítulo transmita uma emoção principal e que o leitor se identifique. A emoção é o segredo, que cria nos leitores a sensação de estarem numa montanha-russa, e só respiram de alívio quando chegam ao fim."

LANÇAMENTOS

SEGREDOS DE FAMÍLIA
Pedro Boucherie Mendes
Planeta
315 páginas

***THRILLER* NA SERRA**

Entre as cinzas dos incêndios que devastaram a Serra da Estrela surge um corpo a boiar numa piscina. Começa assim a saga que envolve o inspetor Vilar numa luta para encontrar duas respostas: o que aconteceu a esta mulher e por que é uma situação muito parecida com outra que aconteceu quatro décadas antes com a avó da vítima? O que se segue é um emaranhado de segredos que é preciso desvendar, mesmo que a tarefa seja complexa e que, como o título indicia, nem sempre seja fácil descobrir o que as famílias fazem questão de esconder. Principalmente, quando há muito evitam revelar um passado escabroso.

A IRMANDADE INVISÍVEL
Joana Leitão de Barros
Oficina do Livro
182 páginas

***THRILLER* NO ALENTEJO**

Em ano de comemorações da Revolução de Abril, esta investigação leva o leitor até esse tempo. Tal como ainda faltam esclarecimentos políticos sobre situações dessa época, também o caso que a protagonista pretende esclarecer posteriormente sofre dessa ausência de respostas. Além da parte policial, a narrativa permite reviver muitos episódios que estão na memória de quem foi contemporâneo dessa sociedade, recheados de detalhes e histórias inimagináveis que vale a pena recordar. (Sai dia 18).

O SEGREDO DE LOURENÇO MARQUES
Eduardo Pires Coelho
Oficina do Livro
375 páginas

***THRILLER* EM MOÇAMBIQUE**

É o regresso ao misterioso cargueiro *Angoche*, que apareceu sem ninguém a bordo em 1971. Sempre um bom cenário para um *thriller*, que o autor desenvolve com uma ampla revisitação histórica e, ao mesmo tempo, refazendo cenários de uma África dividida por impérios europeus e que abriram muitas feridas, ainda por cicatrizar.

IT074-24-13746

Extrato

Torna-se público que, por despacho do Magnífico Reitor, Professor Doutor Amílcar Celta Falcão Ramos Ferreira, exarado a 14-03-2024, se encontra aberto, pelo prazo de 30 dias úteis a contar do dia útil imediato ao da publicação do Aviso no *Diário da República*, concurso internacionalpara ocupação de um posto de trabalho da carreira de Investigação Científica, na categoria de Investigador Auxiliar, em regime de contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, para a área científica de Engenharia Mecânica e áreas afins, para a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, com a referência IT074-24-13746.

1 - O conteúdo funcional do posto de trabalho é o descrito nos números 1 e 4 do artigo 5.º do Estatuto da Carreira de Investigação Científica, e nos números 1 e 4 do artigo 7.º do RRCPSPICUC.

2 - A lista de candidatos, admitidos e excluídos, e a lista de classificação final serão publicitadas no sítio institucional da UC, localizada no seguinte endereço: **www.apply.uc.pt.**

3 - O presente concurso cessa com a ocupação dos postos de trabalho ou, quando os postos não possam ser totalmente ocupados, por inexistência ou insuficiência de candidatos à prossecução do concurso.

4 – O aviso de abertura encontra-se publicado, na íntegra, no *Diário da República*, II Série, n.º 110, de 7 de junho de 2024.

Local de trabalho: Departamento de Engenharia Mecânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Remuneração: 3.427,59€, corresponde ao escalão e índice previstos na tabela constante do anexo 3 ao Decreto-Lei n.º 408/89, de 18 de novembro, na sua redação atual, sem prejuízo das restrições legalmente impostas.

Requisitos de Admissão: os opositores ao concurso devem preencher os requisitos especiais de admissão, enunciados no n.º 1 do artigo 10.º do ECIC e número 1 do artigo 25.º do RRCPSPICUC.

Júri do concurso: conforme Aviso n.º 6662/2024/2, publicado em *Diário da República*, II Série, n.º 62, de 27 de março de 2024.

As candidaturas deverão ser submetidas através da plataforma eletrónica **apply.uc.pt**.

Coimbra, 7 de junho de 2024

A Diretora do Serviço de Gestão de Recursos
Maria Helena da Silva Matos

Comunicado

Beneficiação do Pavimento Albergaria - Estarreja (A1)

Durante os meses de junho a agosto de 2024

A Brisa Concessão Rodoviária (BCR) informa que irá efetuar obras de beneficiação do pavimento, no Sublanço Albergaria (A1/IP5) - Estarreja, da A1 Autoestrada do Norte, pelo que irão existir constrangimentos, por meio de implementação de cortes de via e/ou basculamentos de tráfego.

A duração dos trabalhos ocorrerá em três meses.

A Brisa agradece antecipadamente a compreensão e colaboração dos automobilistas e espera contribuir para reduzir eventuais inconvenientes decorrentes desta operação, estando certa de que os possíveis incómodos serão largamente compensados pelo nível de qualidade, segurança e conforto que resultam de uma autoestrada melhor adaptada às necessidades de quem a utiliza.

Para informação de trânsito atualizada poderá consultar o site www.brisaconcessao.pt.

ABERTURA DE PROCEDIMENTO CONCURSAL PARA RECUTAMENTO DE DIRETOR DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ALVALADE

Informa-se que foi publicado em *Diário da República* de 6 de junho de 2024 o aviso n.º 11936/2024/2 relativo à abertura do concurso para provimento do lugar de Diretor do Agrupamento de Escolas de Alvalade.

A Presidente do Conselho Geral
Maria de Fátima Gamito

AVISO

Procedimento concursal para provimento de um lugar/cargo de direção intermédia de 4.º grau – Unidade de 4.º Grau de Apoio Jurídico do Município de Almeirim.

Nos termos do disposto nos artigos 20.º e 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, alterada pelas Leis n.ºs 51/2005, de 30 de agosto, 64-A/2008, de 31 de dezembro, 3-B/2010, de 28 de abril, 64/2011, de 22 de dezembro, aplicável à administração local por força do n.º 1 do artigo 2.º e 12.º da Lei n.º 49/2012, de 29 de agosto, e por deliberação de Câmara Municipal datada de 18 de março de 2024, aprovada a constituição do júri do procedimento concursal em reunião da assembleia municipal de 27 de fevereiro de 2024, por proposta da Câmara Municipal de 14 de fevereiro de 2024, será publicitado na Bolsa de Emprego Público (**www.bep.gov.pt**), até ao 3.º dia após a data da publicação do Aviso n.º 11731/2024/2, publicado no DR, II Série, n.º 107, de 4 de junho de 2024, e pelo prazo de 10 dias úteis, o procedimento concursal para recrutamento e seleção do cargo de direção intermédia de 4.º grau para a Unidade de 4.º Grau de Apoio Jurídico do Município de Almeirim.
A indicação dos requisitos formais de provimento, do perfil exigido, dos métodos de seleção e a composição do júri do procedimento e outras informações de interesse para a apresentação das candidaturas constará da publicitação da Bolsa de Emprego Público.

Paços do Município de Almeirim, 4 de junho de 2024

O Presidente da Câmara Municipal
Pedro Miguel César Ribeiro

Diario de Noticias

A FESTA DA RAÇA

Gloria a Camões! Honra a Portugal

E AS SUAS VIRTUDES CIVICAS IMORREDOURAS QUE SÃO A GARANTIA DA GRANDEZA DA PATRIA!

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 10 DE JUNHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

CAMÕES E A CRITICA

No seculo XVIII desenhou-se em Portugal um movimento curioso de hostilidade contra Camões. Os dois corifeus do bando foram o padre José Agostinho, o apopletico panfletario e um dos mestres da descompostura em boa linguagem portuguesa, e Luís Antonio Verney, que personificava a nova critica e a nova pedagogia e a guerra aos moldes velhos. Distanciados por pontos de vista e principalmente, por vezes, diametralmente opostos, irmanava-os aquela secura de espirito e arido racionalismo, que fez deles dois representantes tipicos do que talvez possa chamar-se a «Critica abstrata». Comparar estes dois criticos e demonstrar o que deixamos dito sobre as suas afinidades criticas não é para aqui.

O seculo XVIII foi um seculo de demolição e só por isso, queremos nós, julgam alguns que foi um seculo de critica. Foi-o se nos circunscrevermos ao sentido estreito do termo, que é negativo e pejorativo. Mas já então bracejava uma nova critica, essa construtiva, que procurava mergulhar no sentido profundo das obras literarias e a actuar por seu turno na génese das futuras criações.

Queremos referir-nos ao periodo heroico do pensamento alemão que vem do ultimo terço do seculo XVIII e abre triunfantemente o seculo seguinte. Diante desse admiravel Renascimento se curvaram os maiores espiritos da Europa, a começar pelos franceses, com Michelet, Renan, Taine e tantos outros. Como é triste lembrarmo-nos hoje dessa Alemanha de Herder, de Goethe, dos Grimm, dos Schlegel e daquela que vimos abater ha dez anos do falso pedestal do seu imperialismo militarista!

Guilherme Schlegel representa a renovação critica a que aludimos e foi este homem, primeiro, e Humboldt mais tarde, já em meados do seculo findo, que mais alto levantaram no mundo a figura de Camões. Portugal não podia ficar indiferente a esta obra de reabilitação iniciada tão brilhantemente entre nós em 1825 por Almeida Garrett e prosseguida no dominio da erudição, com uma fé e dedicação inquebrantaveis pelo visconde de Juromenha e Teófilo Braga.

Para se vêr que não exageramos os elogios dos sabios alemães, pomos ante os olhos do leitor as seguintes palavras de Schlegel:

«Este poema (os «Lusiadas») reune toda a poesia dos portugueses. De todos os poemas heroicos dos tempos antigos e modernos, não ha um só que seja, em tão subido ponto, nacional».

Humboldt, pela sua parte, afirma que «na epopeia nacional dos portugueses brilha no mais alto grau esse caracter de verdade que nasce de uma observação imediata e especial». Noutro ponto, o mesmo enciclopedista genial acentua que o nosso poeta é um admiravel pintor da natureza e dos fenomenos maritimos, o inexcedivel em desenhar «a permutação que a todos os instantes se opera entre o ar e o mar,—as harmonias que se dão entre as diferentes formas das nuvens,—as suas transformações sucessivas,—e os diversos estados porque passa a superficie do Oceano». O que o autor do «Cosmos» acentua a cada passo é esse poder de objectivação admiravel que distingue Camões e o coloca entre os maiores genios artisticos de todos os tempos. Humboldt notou a ausencia de quadros da natureza tropical em Camões. O conde de Ficalho, na sua tão interessante «flora dos «Lusiadas», aceita este modo de vêr e procura explicá-lo. A explicação do ilustre escritor é justa em parte. Julga ele que um homem da Renascença, como Camões se interessava principalmente pelo Homem que é o grande personagem da sua epopeia. Mas dêmos a palavra ao conde de Ficalho:

«A representação da figura humana domina a arte. Domina-a nas formas puras de Rafael, nos atrevidos esforços de Miguel Angelo, nas ricas carnações de Correggio e Tiziano. No fundo dos seus quadros esses poderosos mestres lançam por vezes paisagens admiraveis; mas sacrificadas, subordinadas á figura do homem a que dão valor. Camões é desta raça e a sua obra procede desta estetica. O seu heroi, o personagem que se agita na tela colossal dos «Lusiadas» é o homem. O homem com as suas paixões e os seus afectos, com a sua altiva nobreza e as suas fraquezas vis, com a indomavel coragem dos peitos viris e a suave doçura do coração feminino...

...... Pelo mar tem o poeta uma predilecção que se explica num português e num navegador. Ainda assim o interesse das suas scenas maritimas concentra-se nos marinheiros boceiantes e mal despertos, que se encostam pelas antenas ou se agrupam ouvindo os casos de guerra de Veloso...

...... Camões é da grande escola historica. Arguí-lo por não ser um poeta descritivo, seria uma critica tão injusta e sobretudo tão pueril como arguir Miguel Angelo por não ser paisagista.»

Tudo isto está muito bem dito e quasi nos parece bem pensado. Mas a verdade é que o ilustre escritor simplificou caprichosamente um problema dificil, e foi talvez graças a esse artificio que cortou tão desenvoltamente a questão. Há aqui duas coisas muito delicadas a considerar: a evolução do sentimento da Natureza, e o valor pictural da palavra como meio de expressão. Para nós, Camões foi um pintor prodigioso, embora um pintor classico. Ha muito que estudar ainda neste poço sem fundo que é a sua obra, mas queremos que um exame, mesmo ligeiro da sua epopeia e da sua lirica lhe conferem um lugar absolutamente á parte no descritivo moderno. E' uma das muitas coisas que ha a fazer e que nos parece terem mais importancia do que certas monografias demasiado especialisadas e que mais nos parecem virtuosismo do que verdadeira historia literaria. Tem-se falado muito no enciclopedismo camoneano. A cultura do poeta era efectivamente colossal, sempre exacta, perfeita, por vezes quasi tecnica. Mas tudo no seu cerebro se convertia em poesia e isto é que é preciso não perder de vista. No seu livro «A astronomia dos Lusiadas», devido á competencia assinalada do dr. Luciano Pereira da Silva, o que é na literatura dos comentarios especiais o mais belo livro que ha muitos anos se tem publicado em Portugal sobre os «Lusiadas», transcreve o autor estas palavras do escritor inglês Jayne, que trasladamos para aqui:

«A maior parte dos poemas, mais tarde escritos (Jayne refere-se á estada de Camões em Coimbra) foram compostos longe de bibliotecas, numa época em que os livros eram preciosidades; apesar disso ele mostra um completo conhecimento da literatura e mitologia classicas, da historia, da geografia, da astronomia e das literaturas de Portugal, Espanha e Italia. A sua familiaridade com dezanove autores gregos e latinos, pelo menos está demonstrada; e alguns deles devem ter sido lidos no original, pois não tinham nunca sido traduzidos. Este saber deve ter sido adquirido em Coimbra, e é testemunho não só do seu estudo e da sua memoria, mas tambem da perfeição com que Coimbra realisara os ideais do Humanismo.» E o dr. Luciano da Silva confessa-nos ainda que no seu Curso de Mecanica Celeste, quando faz exposição historica das diversas teorias astronomicas, ao chegar ao sistema de Ptolomeu, serve-se da admiravel descripção que desse sistema faz o autor dos «Lusiadas» no canto X do seu poema. E o sr. Almeida de Eça, professor da nossa Escola Naval, depois de transcrever no seu interessante opusculo «Luís de Camões marinheiro» a conhecida transcrição da tromba marinha, pregunta:

«Quem escreveu isto? Foi Bravais? Foi Fitz-Roy? Não; foi Luís de Camões.»

Manuel Ramos.

A FESTA DA RAÇA

Gloria a Camões! Honra a Portugal

E ÀS SUAS VIRTUDES CIVICAS IMORREDOURAS QUE SAO A GARANTIA DA GRANDEZA DA PATRIA!

A consagração de hoje, que abrange os mais dispersos elementos da familia portuguesa, é bem a festa da raça, o estimulo da honra e do trabalho e a esperança, senão a certeza, de melhores dias.

Luís de Camões e Nun'Alvares sintetizam gloriosamente a autonomia de Portugal. Póde afirmar-se que, se Castela não conseguiu que os seus Leões, já senhores de toda a peninsula, esmagassem os Quinas, á epopeia camoneana se deve o culto da independencia, firmado na razão de ser dum país com direitos incontestaveis de soberania, com historia propria que é um brado de civilização, e com uma lingua e uma literatura que tornavam não só dificil, mas impossivel a hegemonia castelhana.

Filipe II compreendeu-o e não procurou transformar Portugal numa provincia de Espanha. A sua politica foi de atracção. Mostrava-se amigo dos portugueses e, ao entrar em Lisboa, preguntou por Camões. Disseram-lhe que já tinha morrido. Sessenta anos depois, João Pinto Ribeiro, o restaurador de 1640, lia e comentava os "Lusiadas". No cerco de Colombo, os nossos soldados cantavam as estancias do poema. Traduziam-no em todas as linguas, e entre nós, no mais furioso embate das lutas politicas e civis, sempre o nome de Camões e o orgulho da sua obra serviram de traço de união, lembrando aos contendores que todos eram filhos desta Patria estremecida.

Vemos, empenhando-se no seu estudo, o visconde de Juromenha de braço dado com Teofilo Braga! Todas as classes sociais, ricos e pobres, aristocratas e operarios, dão o exemplo da solidariedade, sentindo-se irmãos. A raça tem na tradição camoneana o seu melhor esteio. Di-lo a consciencia colectiva. Por isso o entusiasmo domina o povo português nesta data que, para ele, é o mais belo e o mais nobre simbolo da sua grandeza e do seu progresso. Não esqueçamos que os "Lusiadas" são o breviario do sacerdocio da Patria e nas suas estrofes a alma lusitana sente, como um lenitivo, a convicção de que Portugal não póde morrer, porque, como diz um outro poeta: "os Lusiadas estão como na hora!..."

Verstappen vence GP do Canadá

O piloto neerlandês Max Verstappen (Red Bull) venceu ontem o Grande Prémio do Canadá de Fórmula 1, nona prova da temporada, e reforçou o comando do Campeonato do Mundo. O Tricampeão Mundial, que largou da 2.ª posição de uma corrida que começou com chuva, deixou o britânico Lando Norris (McLaren) na 2.ª posição, a 3,879 segundos, e o também britânico George Russell (Mercedes) em 3.º, a 4,317. Com estes resultados, Verstappen cimentou a liderança do Mundial de Pilotos, com 194 pontos, mais 56 do que Leclerc (Ferrari), que desistiu da corrida.

MARK THOMPSON / GETTY IMAGES VIA AFP

"Serviço Militar Obrigatório não é prioritário", diz Marcelo

POSIÇÃO Para o Presidente da República, a prioridade é valorizar os recursos humanos das FA que, segundo o Chefe de Estado, podem ser mais motivados.

O Presidente da República considerou ontem que a reposição ou não do Serviço Militar Obrigatório não é uma questão prioritária e que o fundamental é a valorização dos recursos humanos das Forças Armadas.

"Acho que é uma questão que, neste momento, não é a questão prioritária. A questão prioritária é valorizar os recursos humanos. Entrar nessa discussão é desviar para o lado e deixar de olhar e de dar foco e atenção ao mais importante", declarou Marcelo Rebelo de Sousa, em resposta aos jornalistas, que lhe perguntaram se era a favor ou não da reposição do serviço obrigatório.

O chefe de Estado e comandante supremo das Forças Armadas falava em Figueiró dos Vinhos, no Distrito de Leiria, onde visitou, durante cerca de duas horas, uma exposição de meios e capacidades militares das Forças Armadas Portuguesas, no âmbito das comemorações do *Dia de Portugal* (*ver págs. 10 a 12*).

Interrogado se, na sua opinião, os militares portugueses estão motivados, respondeu: "Eu acho que motivados estão, mas, como sabem, a minha posição é a mesma: podem ser mais motivados."

"Quer dizer, acho que há um compromisso da parte do Governo de levar por diante o diálogo com as chefias militares para motivar mais, em termos de estatuto, os recursos humanos nas nossas Forças Armadas", acrescentou Marcelo Rebelo de Sousa.

O Presidente da República elogiou ainda os equipamentos militares exibidos em Figueiró dos Vinhos, que incluíam "veículos não-pilotados, *drones*, formas várias de intervenção no mar, no ar e na terra".

"É muito diferente do equipamento que tínhamos há seis anos, sete anos, oito anos, nove anos, quando comecei eu a visitar estas exposições, e há uma capacidade de visão do futuro impressionante", comentou.

Depois desta visita, em que esteve acompanhado por chefias militares e autarcas, Marcelo Rebelo de Sousa manifestou-se convicto de que estão a ser preparados "ainda mais saltos na qualidade dos equipamentos" das Forças Armadas Portuguesas. **DN/LUSA**

BREVES

Governo já trabalha para criar tribunal especializado em imigração e asilo

A ministra da Justiça, Rita Alarcão Júdice, disse ontem que já está a ser desenvolvido trabalho para o estabelecimento de um tribunal especializado em imigração e asilo. "É um projeto que está a ser desenvolvido com os Conselhos Superiores de Magistratura e estamos a trabalhar neste momento", afirmou à Lusa Rita Alarcão Júdice. "Isto foi uma ideia que surgiu neste plano para o apoio à imigração e também para dar resposta a um aumento do fluxo dos processos que estavam a chegar aos tribunais", explicou a ministra. A titular da pasta da Justiça falava à Agência Lusa no último dia de visita a Díli (Timor-Leste), onde chegou na sexta-feira, para participar nas celebrações do *Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades*, que foi antecipadamente assinalado sábado em Liquiçá. A criação deste tribunal especializado consta do *Plano de Ação para as Migração*, apresentado na semana passada pelo Governo. A ideia já recebeu o apoio do vice-presidente do Conselho Superior de Magistratura, Luís Azevedo Mendes, que realçou a sobrecarga sobre os Tribunais Administrativos com pedidos de intimação da Agência para a Integração, Migrações e Asilo para regularizar a situação de milhares de imigrantes.

PSP identifica homem com pirotecnia após festa que causou 16 feridos

Um homem foi identificado em S. João da Madeira sábado à noite por posse de pirotecnia depois de uma bateria de fogo-de-artifício ter rebentado no recinto da *Cidade em Festa*, causando 16 feridos, anunciou ontem a PSP. Em comunicado, aquela força policial refere que o homem, de 29 anos, foi identificado pelas 23:30 na posse de três artefactos pirotécnicos. Segundo a PSP, "momentos antes" de o homem ter sido identificado, "no espaço do evento, um indivíduo terá deflagrado uma bateria de fogo-de-artifício" que terá caído e provocado "pânico generalizado". No sábado à noite, a explosão de um engenho pirotécnico causou 16 feridos, três dos quais ligeiros, durante a festa *Cidade no Jardim*, organizada pela Câmara Municipal de S. João da Madeira e que está a decorrer desde quinta-feira e até hoje. Em comunicado, aquela autarquia do Distrito de Aveiro condenou aquilo que considerou ser um "ato ilícito e irresponsável" de uso não-autorizado de pirotecnia. "A todos, a autarquia deseja rápida recuperação, condenando veementemente o ato ilícito e irresponsável de que foram vítimas, informando que foram de imediato desenvolvidas diligências pelas autoridades para apuramento das responsabilidades", lê-se. A Câmara de S. João da Madeira adiantou ainda que a festa foi retomada, depois de ter sido suspensa no sábado à noite após o incidente.

Conselho de Administração - Marco Belo Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Manuel Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro e Mafalda Campos Forte **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

5 605290 023002
56662